



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**LUANA MICAELHY DA SILVA MORAIS**

**ESCREVENDO A INFÂNCIA EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

**LUANA MICAELHY DA SILVA MORAIS**

**ESCREVIVENDO A INFÂNCIA EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre.

**Área de concentração:** Literatura e Estudos Interculturais. **Linha de pesquisa:** Literatura, memória e estudos culturais.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M827e    Morais, Luana Micaelhy da Silva.  
          Escrevendo a infância em Olhos d'água de Conceição  
Evaristo [manuscrito] / Luana Micaelhy da Silva Morais. - 2022.  
          91 p.

          Digitado.

          Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

          "Orientação : Prof. Dr. Maria Simone Marinho Nogueira ,  
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

          1. Criança. 2. Infância. 3. Mulher negra. 4. Violência. I.

Título

21. ed. CDD 801.95

LUANA MICAELHY DA SILVA MORAIS

**ESCREVIVENDO A INFÂNCIA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre.

**Área de concentração:** Literatura e Estudos Interculturais. **Linha de pesquisa:** Literatura, memória e estudos culturais.

Aprovada em: 18/03/2022

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Simone Marinho Nogueira*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Francisca Zuleide Duarte de Souza*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francisca Zuleide Duarte de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Prof. Dr. Marcio Capelli Aló Lopes*

---

Prof. Dr. Marcio Capelli Aló Lopes  
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Dedico a todas as crianças, em especial aos meus sobrinhos, Adrian e Davi, as crianças da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de sabedoria e alento em todos os momentos de alegria e tristeza. Sou grata por Tua bondade e por me dar a certeza que tudo daria certo. Tua vontade é a minha vontade, Senhor.

Agradeço à professora Rosilda Alves Bezerra (*in memoriam*), por ter acreditado em mim e me incentivado a fazer a seleção do mestrado. Seus ensinamentos foram de grande importância, sua humildade e atenção comigo sempre serão lembrados.

À professora Simone Marinho, por ser uma pessoa maravilhosa, humilde e compreensiva. Obrigada por ter me acolhido e ter aceitado o convite de continuar caminhando comigo na construção deste trabalho. Sua dedicação como professora vai muito além dos protocolos de cumprimento de um trabalho. Gratidão, Simone.

À professora Zuleide Duarte, por ter aceitado ser minha supervisora no estágio docência e por ter aceitado participar da minha banca de dissertação. Seus ensinamentos foram de suma importância para a construção deste trabalho.

Ao professor Luciano Justino por ter aceitado o convite para fazer parte da banca de qualificação e por ter contribuído de maneira muito positiva para a produção desse trabalho.

Aos meus pais Maria e Sebastião, por todo amor, carinho e compreensão por minhas ausências por causa da dedicação ao trabalho. Vocês estiveram sempre comigo, obrigada por acreditar e me incentivar para que eu persista sempre, amo vocês. Também agradeço a meus sogros, Clenilson e Ismenia, que me deram tanto apoio e suporte nesse caminhar.

Ao meu amigo, amor e companheiro de todas as horas, Arthur, que tanto me ajudou desde o sonho de ingressar no mestrado. Se não fosse por sua ajuda nada disso seria possível. Obrigada por ser tão companheiro, acreditar em mim e me ouvir nos momentos de angústia e comemorar comigo as alegrias.

Às colegas de turma Luiza e Jaqueline, gratidão por toda ajuda e compartilhamento, vocês foram essenciais nesses dois anos de mestrado.

A Emanuelle e Tainah, que tanto me ajudaram e me tiraram dúvidas quando eu não sabia o que fazer. Desde a disciplina de Poéticas da Africanidade e no transcorrer do mestrado a ajuda de vocês foi essencial.

Agradeço a Telma, secretária do PPGLI, que sempre esteve à disposição para me ajudar e por ter tido tanta paciência, parabéns pelo seu belo trabalho.

A UEPB por toda ajuda e empenho para que fosse possível a realização das aulas online, com ajuda de custo para compra de equipamento eletrônico e custeio da mensalidade da internet.

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa no último semestre do mestrado. Foi uma ajuda essencial para a conclusão desta pesquisa.

Agradeço também, de modo geral, aos professores e professoras que compõem o PPGLI, obrigada pelas leituras e reflexões ao longo de nossas aulas que tanto ajudaram na minha formação e na concretização desta dissertação.

Escrevo o que a vida me fala, o que capto de  
minhas vivências. Escrevivências  
(EVARISTO, 2017).

## RESUMO

Considerando o histórico escravocrata brasileiro e com ele a consequente desigualdade social e racial, pensamos na ainda crescente opressão e violência que é submetida grande parte da população, sendo as pessoas negras as mais vulneráveis a sofrerem com a violência e desassistência. No meio desse contingente, a infância de crianças negras que vivenciam um contexto hostil, por vezes passa a ser ignorada, estando, portanto, em desacordo com o que se define na Modernidade no que concerne ao sentimento da infância que envolve o cuidado e a preocupação com a saúde, educação e bem estar das crianças (cuidados básicos e necessários para a sobrevivência). Pensando nisso, a partir da concepção de que a literatura é um espaço de produção e reprodução simbólica, neste trabalho, objetivamos pensar na representatividade da infância presente na obra da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. A presente pesquisa tem por objetivo analisar contos do livro *Olhos d'água* (2016), à procura de fatores e elementos correspondentes à vulnerabilidade social, que impactam negativamente a vida das personagens de origem afrodescendente, com ênfase no período da infância. Neste sentido, foca-se especialmente no que diz respeito à maternidade, ao aborto, violência e sobrevivência. O nosso *corpus* de análise é composto de três contos do livro supracitado, a saber, *Maria*, *Duzu Querença* e *Quantos filhos Natalina teve?* A metodologia é constituída de uma revisão de literatura, que contempla pesquisadores da área que comentam e contribuíram com a nossa análise literária. Iniciamos nosso estudo com o referencial teórico acerca da literatura brasileira no que diz respeito à representatividade do negro com base nos estudos de Roger Bastide (1873), Raymond Sayers (1958), David Brookshaw (1983), Eduardo Assis Duarte (2010), Luiza Lobo (1993), Luiz Silva Cuti (2010), Sueli Carneiro (2020), Lélia Gonzalez (2020), entre outros. Posteriormente pensamos na escrita de autoria negra enquanto possibilidade de criação e reprodução da personagem negra como sujeito de sua narrativa e, por conseguinte, damos início as análises dos contos. Dentre os resultados alcançados neste estudo, percebemos que as narrativas centram-se em um contexto violento e que a infância das personagens esteve imersa em problemas de cunho social, ao passo que o ciclo de pobreza é uma constante e a criança é vista nesta conjuntura como um adulto, pois engendra tensões que dizem respeito ao universo dos adultos. Ao mesmo tempo, protagonizam situações de abandono,

trabalho informal e tem seus direitos negligenciados. Apesar de todas as negativas que envolvem as personagens, elas também são capazes de se reinventar e resistir.

**Palavras-Chave:** Criança. Infância. Conceição Evaristo. Mulher negra. Violência.

## RESUMEN

Considerando la historia de la esclavitud brasileña y con ella la consecuente desigualdad social y racial, pensamos en la opresión y violencia aún crecientes a las que es sometida gran parte de la población, siendo los negros los más vulnerables a sufrir violencia y falta de asistencia. En medio de esta contingencia, la infancia de los niños negros que viven un contexto hostil es a veces ignorada, estando, por tanto, en desacuerdo con lo definido en la Modernidad en cuanto al sentimiento de infancia que implica el cuidado y la preocupación por la salud, la educación y la bienestar de los niños (cuidados básicos y necesarios para la supervivencia). Pensando en ello, a partir de la concepción de que la literatura es un espacio de producción y reproducción simbólica, en este trabajo, pretendemos reflexionar sobre la representación de la infancia presente en la obra de la escritora afrobrasileña Conceição Evaristo. La presente investigación tiene como objetivo analizar los cuentos del libro *Olhos d'água* (2016), buscando factores y elementos correspondientes a la vulnerabilidad social, que impactan negativamente en la vida de personajes de origen afrodescendiente, con énfasis en el período infantil. En este sentido, se centra especialmente en la maternidad, el aborto, la violencia y la supervivencia. Nuestro corpus de análisis está compuesto por tres cuentos del libro mencionado, a saber, *María*, *Duzu Querença* y *¿Cuántos hijos tuvo Natalina?* La metodología consiste en una revisión bibliográfica, que incluye investigadores del área que comentan y contribuyen a nuestro análisis literario. Iniciamos nuestro estudio con el referencial teórico de la literatura brasileña con respecto a la representación de los negros a partir de los estudios de Roger Bastide (1873), Raymond Sayers (1958), David Brookshaw (1983), Eduardo Assis Duarte (2010), Luiza Lobo (1993), Luiz Silva Cuti (2010), Sueli Carneiro (2020), Lélia Gonzalez (2020), entre otros. Posteriormente, pensamos en la escritura de autoría negra como una posibilidad de creación y reproducción del personaje negro como sujeto de su narrativa. Para, por tanto, comenzar el análisis de los relatos. Entre los resultados alcanzados en este estudio, notamos que las narrativas se enfocan en un contexto violento y que la infancia de los personajes estuvo inmersa en problemas de índole social, mientras que el ciclo de la pobreza es una constante y el niño es visto en esta coyuntura como adulto, en tanto engendra tensiones que conciernen al universo de los adultos. Al mismo tiempo, acarrear situaciones de abandono, informalidad

laboral y vulneración de sus derechos. A pesar de todo lo negativo que rodea a los personajes, también son capaces de reinventarse y resistir.

**Palabras clave:** Niño. Infancia. Conceição Evaristo. Mujer negra. Violencia

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>CAPÍTULO 1. REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....</b>	<b>15</b>
1.1 DE OBJETO A SUJEITO: O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA. ....	16
1.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	21
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DA INFÂNCIA .....	27
1.4 ESCRE-VIVENDO A INFÂNCIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO .....	33
<b>CAPÍTULO 2. <i>DUZU-QUERENÇA</i> E <i>MARIA</i>, UM OLHAR PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA.....</b>	<b>41</b>
2.1 O ABANDONO SOCIAL E FAMILIAR EM <i>DUZU QUERENÇA</i> .....	42
2.2 TRABALHO INFANTIL E EXPLORAÇÃO SEXUAL: A VIOLAÇÃO NA INFÂNCIA .....	45
2.3 FILHOS E NETOS: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	48
2.4. OS FILHOS DE <i>MARIA</i> : A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA .....	54
2.5. QUEM CUIDARÁ DOS FILHOS DE <i>MARIA</i> ? .....	60
<b>CAPÍTULO 3. QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE? ABORTO E MATERNIDADE EM DISCUSSÃO.....</b>	<b>65</b>
3.1 ABORTO E MATERNIDADE: A ESCOLHA DE NATALINA.....	65
3.2. ELA APENAS NÃO QUER SER MÃE .....	71
3.3. MATERNIDADE E VIOLÊNCIA SEXUAL .....	73
3.4. A VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA DA MULHER .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

Para Conceição Evaristo (2005), a literatura surge como um espaço privilegiado de produção simbólica de sentido. Espaço este, que tende a ser ocupado por representantes da classe social dominante. Tomando como inspiração a realidade social brasileira, e a ancestralidade africana, a escritora contemporânea afro-brasileira Conceição Evaristo escreve e produz simbologias sobre as camadas sociais menos abastadas, histórias de homens, mulheres e crianças ganham vida na sua narrativa. Em especial, neste trabalho nos propomos analisar como a escritora representa a personagem criança e a sua infância no contexto de suas narrativas, onde percebemos, com mais ênfase, a realidade social de negros e negras que habitam as favelas e/ou morros do Brasil.

O presente estudo é um trabalho de dissertação que tem por objetivo analisar três contos do livro *Olhos d'água* (2016) da escritora Conceição Evaristo, à procura de fatores e elementos correspondentes à vulnerabilidade social, que impactam negativamente a vida das personagens de origem afrodescendente, com ênfase no período da infância. Os contos selecionados para compor o *corpus* de análise de nossa dissertação foram: *Maria*, *Duzu Querença* e *Quantos filhos Natalina teve?* Nossa proposta é realizar uma leitura a fim de identificar como a escritora constrói suas personagens a partir de um contexto de violência e vulnerabilidade social. Deste modo, é importante levantar questionamentos sobre as formas de violências que enfrentam as mulheres e crianças negras ao longo da história, bem como o reflexo destas que a literatura abrange. Posto isso, é relevante compreender que a formação cultural da sociedade patriarcal e racista brasileira contribuiu para violentar a mulher, sobretudo a mulher negra, nos diversos âmbitos em que ela se insere.

Historicamente existe um círculo de imposições que impede as pessoas negras e pobres de ascender social e economicamente, impondo-se à maioria o mesmo ciclo histórico de seus antepassados, ou seja, quase nenhuma perspectiva de emancipação social. (EVARISTO, 2009). Com base nisso, é possível observar que as narrativas que compõem a obra *Olhos d'água* tomam como inspiração as vivências de homens, mulheres e crianças negras que enfrentam as mazelas sociais que são o resultado da desigualdade social brasileira.

A escritora em estudo tem publicado ao longo de sua trajetória obras que tematizam as Escrevivências de seu povo. Podemos dizer que é uma escrita de resistência, mas não apenas isso. É uma escrita criativa de outros mundos e imaginações.

Em 2003 ela publica *Ponciá Vicêncio*. Trata-se de um romance que aborda a questão da ancestralidade, apresentando a personagem feminina como protagonista de um enredo cheio de representatividade cultural, cuja narrativa não linear apresenta passado e presente, interligando as experiências das personagens. No ano de 2006 publica o romance *Becos da Memória*, que trata sobre as questões de uma comunidade da favela que está em processo de desmonte. Esta narrativa se assemelha muito à vida da escritora, pois ela descreve as mazelas de personagens que vivem à margem da sociedade, tendo como protagonista a jovem Maria Nova. No ano de 2008 publica *Poemas da recordação e outros movimentos*, trazendo como temática a denúncia da condição dos afrodescendentes. Em seguida publica o livro de contos intitulado *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), o qual orchestra “depoimentos” de dor e sofrimento sobre mulheres. No ano 2014 publica o livro de contos *Olhos d’água*, que segue a mesma temática e descreve os dramas de personagens (homens, mulheres e crianças) imersos em problemas e situações diversas no contexto social e urbano periférico do Brasil. Em 2016 publica mais um livro de contos intitulado *Histórias de leves enganos e parecenças*. Seu último romance publicado, em 2018, tem como título *Canção para ninar menino grande*.

As narrativas tratam da vida de personagens que vivem em condições menos favorecidas, podendo ser definidas como minorias sociais que habitam as periferias das grandes cidades. A realidade se estende e é representada no tecido narrativo, ou seja, na literatura em forma de resistência, denúncia e criatividade enquanto potência. Conceição Evaristo utiliza, portanto, a literatura como forma de representar os sujeitos marginalizados dando vida a personagens diversas. Em especial, destacamos as mulheres negras que protagonizam na narrativa evaristiana papéis que imitam a realidade no sentido de representar as dificuldades que enfrentam diariamente na nossa sociedade não deixando de apresentá-las com personalidade, autonomia e força para enfrentar o preconceito e a desigualdade.

Pretendemos analisar como se constituem essas personagens mulheres que não usufruíram da infância, uma vez que se viram precocemente inseridas nas

complexas relações da vida adulta, especialmente no que diz respeito à maternidade, ao aborto, violência e sobrevivência.

Nosso trabalho tem caráter bibliográfico e interpretativo e foi desenvolvido a partir da leitura de pesquisadores da área que comentam e contribuíram com a nossa análise literária. Nossa dissertação se estrutura da seguinte maneira. No primeiro capítulo contemplamos o referencial teórico acerca da literatura brasileira no que diz respeito à representatividade do negro com base nos estudos de Roger Bastide (1873), Raymond Sayers (1958), David Brookshaw (1983), Eduardo Assis Duarte (2010), Luiza Lobo (1993) e Luiz Silva Cuti (2010).

Refletimos também sobre a questão do feminismo negro e como este movimento possibilitou à escritora em estudo um espaço mais receptivo, pois escreve histórias de mulheres negras e periféricas para mulheres igualmente negras e periféricas, embora sua obra tenha um alcance para além deste público. Também ressaltamos, à luz do pensamento de escritoras feministas como Lúcia Ozana Zolin (2010), Sueli Carneiro (2020), e a própria Conceição Evaristo, os desafios enfrentados por mulheres negras ao reivindicarem por direitos básicos e se tornarem personalidades ativas na sociedade e na política.

Ainda no primeiro capítulo fazemos uma reflexão sobre o conceito de escrevivência e como é possível pensá-lo a partir da temática da infância. Também pontuamos aspectos referentes ao conceito da infância debatido pelo teórico Philippe Àries (1978) e pela escritora Elizabeth Badinter (1895). Com isso, é possível fazer um apanhado geral sobre como a criança era vista pela sociedade e como ela tornou-se sujeito de direitos e produtora de cultura.

No capítulo dois, dissertamos sobre a violência e a vulnerabilidade social presente na infância e na vida adulta das personagens Duzu e Maria. No caso das personagens, pensamos também nos filhos que elas tiveram ao longo da vida, sendo Duzu uma mulher que teve a infância roubada pelo aliciamento de menores, e Maria, mãe de três filhos que são entregues à orfandade.

No terceiro capítulo buscamos desenvolver uma leitura da personagem Natalina, com base na sua recusa da maternidade desde o período que compreende a sua pré-adolescência, e quais perspectivas de futuro são visualizadas na narrativa para as quatro crianças geradas pela própria Natalina. Por último, notamos que a situação de marginalização causa impactos negativos nas gerações seguintes,

estando estas, portanto, em um ciclo vicioso e as alternativas e oportunidades para sair deste ciclo são quase que inexistentes.

Julgamos relevante a temática em apreço por se tratar de um objeto de estudo pouco explorado na obra de Evaristo. Em consulta à Plataforma Sucupira, verificamos um vasto estudo que aborda a produção da escritora, e se centra em sua maioria na temática da violência contra a mulher, discriminação racial, de gênero, ancestralidade, a memória e o testemunho. Também identificamos estudos comparativos entre escritoras africanas e afro-brasileiras. Podemos citar estudos comparativos de Conceição Evaristo com Mirian Alves, Gení Guimarães, Carolina Maria de Jesus, a moçambicana Paulina Chiziane, e todos tratam do tema da mulher negra e da representatividade afro-brasileira.

Já acerca da representação da infância na literatura atual, destacamos o estudo de Anderson Luiz da Mata (2006), intitulado: *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. O referido estudo analisa qual o papel da infância na narrativa contemporânea e, dentre as análises realizadas, destacamos a narrativa *Cidade de Deus* de Paulo Lins, em que Mata mostra o sequestro da infância das personagens e seus comportamentos muito adultos, ou seja, de que forma a infância dá lugar à vida adulta antecipada, característica que iremos abordar mais adiante, quando tratarmos da precoce maternidade das personagens que englobam nosso *corpus* de análise.

Tendo como objeto de estudo a infância da criança negra em situação de abandono, encontramos duas dissertações, sendo a primeira da pesquisadora Aparecida Cruz de Oliveira defendida no ano de 2015, que tem como título: *A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo*. Nesta dissertação, Oliveira objetivou analisar a representação da infância de crianças negras nos romances *Ponciá Vicêncio* (2013) e *Becos da Memória* (2006), defendendo a hipótese de que as personagens infantis são atores sociais capazes de vivenciar e protagonizar conflitos, engendrar tensões e sua representação objetiva denunciar as formas de opressão enfrentadas por crianças negras.

A segunda dissertação é de Claudia Maira de Oliveira, defendida no ano de 2017 e é intitulada: *Histórias para incomodar os da casa-grande em seus sonhos injustos: menores em situação de risco em contos de Conceição Evaristo*. Aborda como temática principal a função da literatura como sendo capaz de servir para humanizar o leitor no tocante à condição de abandono enfrentada pelas crianças

descritas em contos de Conceição Evaristo. Ao aprofundar o estudo e analisar contos de Evaristo, Oliveira destaca como os parâmetros legais passam a ser negligenciados às personagens crianças inseridas na obra de Evaristo. A elas são negadas o direito à saúde, educação, lazer e desenvolvimento integral, direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

No que diz respeito à busca realizada no Google acadêmico, encontramos o artigo intitulado: *A infância roubada em contos de Conceição Evaristo*, de autoria de Denise Almeida da Silva e Andrielli Santos Rosa (2015). O referido artigo aborda a temática da violência praticada contra crianças e as autoras analisam os contos *Lumbiá*, *Di Lixão* e *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, inseridos no livro de contos *Olhos D'água* (2016). As três protagonistas dos contos sofrem violência no período da infância e têm a morte de forma trágica e precoce. A morte física vem a ser um ato (simbólico) revolucionário. Em palestra, a escritora esclarece que a morte representa dizer que o sujeito negro não tem o direito de viver, suas personagens morrem sufocadas, pois não tem o espaço para ser (negro, mulher, pobre). O silêncio da morte diz muito, representa um grito acerca de toda opressão do povo que a autora busca representar em sua literatura.

Por fim, destacamos outro artigo bem mais recente que aborda a questão da infância e seus conflitos em contexto de margem social, escrito por Sara Regina de Oliveira Lima e Maria Aline Porto Brito (2021), tendo como título: *Miséria, infância e afrobrasilidade: os reflexos de uma construção nacional assimétrica retratados na literatura de Conceição Evaristo*. O artigo analisa as relações de miséria e infância em dois contos de Evaristo, a saber, *Lumbiá* e *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*. O referido artigo contempla que cada vez mais crianças negras são distanciadas do convívio e proteção familiar e Estatal, construindo suas vivências com base no contexto da violência, trabalho infantil e negligência dos direitos básicos de saúde, alimentação, moradia, escolarização e lazer. Nos contos de Evaristo esses direitos são subtraídos, dando lugar a aterrores desdobramentos que irão refletir negativamente na vida adulta dos sujeitos infantis, assegurando-lhes um quase que infundável ciclo de desigualdade.

Nos contos selecionados para nossas análises é possível identificar vários tipos de violências enfrentadas por crianças em situação de abandono e vivendo de forma marginal, como a violência física, psicológica, abandono, estupro e exploração do trabalho infantil. Em todas as situações as protagonistas são crianças ou

adolescentes mulheres, tendo a pobreza e o desamparo como cenário principal. Julgamos a importância da temática em estudo para que se possa refletir sobre como são representadas as crianças negras. Consideramos importante a temática também pela ausência de outros estudos referente à infância. Destacamos a presença de personagens infantis na obra de Evaristo que pouco são exploradas em pesquisas acadêmicas, em vista disso, nos interessamos por analisar a representatividade da infância em contos selecionados da literatura evaristiana.

Como foi possível notar, os trabalhos sobre o tema da infância em Evaristo são poucos, dificultando o nosso apoio em referenciais teóricos. Por este motivo julgamos importante a temática de nossa dissertação tratar sobre o estudo da representação da infância também como forma de abrir caminhos para outras pesquisas e discussões.

## CAPÍTULO 1. REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos (EVARISTO, 2005).

A Literatura tem o poder de expressar as relações sociais de uma determinada época, sendo capaz de proporcionar reflexões acerca dos acontecimentos do passado, presente e futuro. Conforme Cevasco (2009), aprender literatura é ser treinado a propagar valores de um conjunto de obras que foram a grande tradição literária de um país e tal acervo se constitui pelos grandes valores da sociedade.

Neste capítulo pretendemos fazer uma contextualização a respeito da emergente literatura afro-brasileira, que tem por finalidade, dentre outras, representar a subjetividade de um povo, contemplando questões étnico-raciais e se constitui como potência criativa. Ressaltamos a dificuldade enfrentada por autores negros em decorrência da nossa história e cultura escravocrata. Historicamente nosso país foi berço de costumes e valores eurocêntricos e, por este motivo, o preconceito e estereótipos direcionados aos negros se fizeram presentes nas relações sociais, sendo identificados desde as primeiras manifestações literárias do Brasil, como veremos mais adiante.

A resistência dos afrodescendentes se refletirá na literatura como prática social de valorização da cultura e diversidade dos afro-brasileiros. A escrita de autoria negra, como é o caso de Conceição Evaristo, que elabora o conceito de *Escrevivência*, e expõe em sua obra a ancestralidade e subjetividade de um povo e apresenta uma característica marcante que é o realismo de fatos tão semelhantes à realidade social do país, tem o poder de reescrever fatos em contextos distintos, não se distanciando da cultura e ancestralidade africana. Em especial, direcionamos nosso olhar para a representação da infância em contos de Conceição Evaristo e de como a escritora representa esse grupo social, sendo a fase da infância tão importante para o desenvolvimento de uma vida digna.

### **1.1 De objeto a sujeito: o negro na literatura brasileira.**

A literatura afro-brasileira atualmente vem recebendo uma maior atenção no ambiente acadêmico, em decorrência do número de estudiosos que discorre sobre a temática. Inicialmente, para se pensar sobre a temática estudada, vamos apresentar uma contextualização geral a respeito da literatura afro-brasileira. Como surgiu? Quais os precursores e em quais condições os escritos de pessoas negras ganharam proporção no campo social, acadêmico e literário? Para tanto, ao verificar que esta literatura ainda é muito nova e pouco divulgada em nossa sociedade, chamamos a atenção para a valorização de temáticas relevantes para se pensar a cultura e a diversidade de um povo, e ao mesmo tempo verificar que as práticas de preconceito e discriminação continuam presentes em nossa sociedade.

Pensando nisso, a princípio destacamos o pensamento de Lobo (1993), referente à história da literatura brasileira que está repleta de estereótipos que passaram a ocupar papel de destaque nos estudos de personagens, principalmente por ensaístas estrangeiros como Bastide (1873), David Brookshaw (1983) Sayers (1958).

No tocante a Roger Bastide (1873), este apresenta uma pesquisa sobre os estereótipos negros identificados na literatura brasileira e como as discriminações tomaram uma grande proporção ao ponto de persistirem na mentalidade social. Neste sentido, o estudioso apresenta em sua pesquisa a presença constante da figura do negro como um ser animalizado, identificado como marginal e rotulado por vários aspectos negativos. Verificamos que a dualidade entre o belo e o feio estava presente no estilo de escrita dos autores brasileiros, posto que, além de haver uma significação negativa direcionada para a cor escura/preta/negra, esta, por sua vez, estava ligada a tudo que era ruim, enquanto que a cor branca estava ligada a tudo que era bom. Conforme Stepan (1994) “Winthrop Jordan mostrou que no início da Idade Média uma oposição binária entre negritude e brancura foi tão bem estabelecida que a negritude era associada à vileza, culpa, demônio, feiura, e a brancura a (sic) virtude, pureza, santidade e beleza” (p. 77). Essas situações, conforme o pesquisador nos apresenta, eram bastante comuns na literatura brasileira em se tratando da representação da personagem negra afrodescendente.

David Brookshaw (1983), por sua vez, contempla um estudo sobre a presença da temática raça e cor na literatura brasileira. Conforme o escritor, a

caracterização do negro na literatura, a partir do século XIX, começou a ser retratada com crescente frequência em prosa e verso. No entanto, o autor reafirma que estereótipos positivos e negativos foram atribuídos a ele.

Em vista das pesquisas sobre o negro na literatura, contemplamos um estudo mais atual do pesquisador Eduardo Assis Duarte que discorre sobre a literatura afro-brasileira, busca conceituá-la e demonstra que a produção literária de sujeitos que assumem uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço no âmbito social e cultural.

O Brasil é um país miscigenado, e no centro de sua formação existem grupos diversos que o constituem. Negros, indígenas, asiáticos, europeus, todos tiveram sua parcela de contribuição para a construção da sociedade brasileira, sociedade esta que é plural. No entanto, existe um discurso e uma prática hegemônica que tende a segregar grupos minoritários e, conseqüentemente, silenciá-los no âmbito social. As vozes aclamadas no âmbito social e literário tendem a ser advindas de uma sociedade elitista, eurocêntrica e excludente, com um discurso que contribui para o apagamento de culturas e povos diversos. Posto isso, é verificável na nossa sociedade práticas de racismo e exclusões decorrentes dentre outras justificativas do nosso processo de colonização.

No Brasil, os africanos escravizados e descendentes de escravos resistiram e lutaram para preservar sua cultura. A partir dessa luta foi-se introduzido e ressignificado ao cenário local maneiras de resistir e manter vivo os costumes e crenças de um povo tão diverso. Como sabemos, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. O país teve um período longo de massacre, exploração e desumanização destinado primeiro aos povos indígenas e em seqüência aos povos negros/africanos e afrodescendentes. Estes, por sua vez, sofreram todo tipo de atrocidade, e preconceito racial, sem nenhum direito assegurado por lei, e eram considerados a escória da sociedade. “Foi aqui que uma sociedade patriarcal desenvolveu-se, e cuja grande dependência da escravatura foi além do fator mão-de-obra para plantações, penetrando em cada área da vida doméstica, trazendo consigo a influência cultural dos escravos africanos” (BROOKSHAW, 1983, p. 25). Esta influência cultural passou a refletir em toda sociedade, não sendo possível apagar por completo a cultura, religiosidade e costumes dos africanos. Mesmo assim, os inúmeros estereótipos destinados a esta

parcela da sociedade já estavam instaurados no imaginário social e se mantiveram mesmo com o advento da Abolição.

Os descendentes de escravos são descritos na literatura pelo alvo do preconceito e da penalização. Conforme elucida Cuti (2010) “A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade” (p. 12). Diante desta concepção, nota-se que a coisificação de que trata o autor refere-se à total desumanização que os negros foram submetidos, esta desumanização passou a se refletir nos costumes da sociedade, e por consequência, na literatura que de certo modo intensificou a caracterização negativa do sujeito negro.

Por sua vez, Sayers (1958) afirma que “A literatura que vai de 1500 a 1750 reflete o país em que brota, com os seus estabelecimentos iniciais, suas vastas fazendas e suas cidades de lento crescimento” (p. 60). De início essa literatura era constituída por cartas como as de Anchieta e de livros de viagem, mais tarde, “surgem obras que podem ser consideradas como pertencentes mais propriamente ao campo da literatura pura, os magníficos sermões de Antônio Vieira, por exemplo, e a variada poética de Gregório de Matos” (Ibidem, p. 60-61). Sobre a poética de Gregório de Matos, Evaristo (2009) vai dizer que o legado do escritor se fez conhecer por uma vasta oralidade, que buscou na vida em Salvador inspiração para seus poemas que tratavam sobre a depreciação lançada aos africanos escravizados no Brasil Colônia. A exaltação à mulata também foi tema de seus poemas, assim como o menosprezo destinado a ela. “pode-se dizer que com Gregório, começa a se esboçar o paradigma da sensualidade e sexualidade, atribuído às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira” (EVARISTO, 2009, p.20)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Trazemos na íntegra a citação da escritora para melhor compreender seu pensamento referente ao poeta Gregório de Matos. Atentemos: “Momentos fundadores da literatura brasileira surgem marcados pela voz do poeta Gregório de Matos (1969). Literalmente a voz, pois Gregório de Matos deixou um legado que foi dado a conhecer por meio da oralidade, já que o poeta não deixou nada escrito. Buscando, na vida popular de Salvador, matéria para a sua criação poética, Matos revela o olhar depreciativo que era lançado sobre o africano escravizado e seus descendentes no Brasil Colônia. Satirizando os costumes e a colonização portuguesa, o “Boca do Inferno”, como era chamado, exalta a sedução erótica da mulata, menosprezando-a ao mesmo tempo. Pode-se dizer que, com Gregório, começa a se esboçar o paradigma de sensualidade e da sexualidade, atribuído às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira. O poeta ainda faz do homem mestiço objeto de críticas e insultos, delineando, em seus versos, o estereótipo do mulato como uma pessoa pernóstica e imitador do branco.” (EVARISTO, 2009, p. 20).

É a partir de 1850 que a literatura começa a demonstrar certa preocupação pelo escravo, “aparecendo o primeiro romance em folhetim com essa temática em 1856, intitulado *O Comendador*, de Pinheiro Guimarães. Os escravos são descritos como um misto de desgosto e piedade, e seu senhor como protótipo do feitor malvado” (BROOKSHAW, 1983) p. 28). No entanto, por se tratar de um contexto em que a sociedade era extremamente escravocrata, os autores retratavam em suas narrativas o contexto da época. Neste sentido, não se poderia esperar uma escrita que apresentasse um personagem negro com melhores qualidades que os brancos, pois, poderia pôr em dúvida a estrutura ética e social do Brasil (Ibidem, 1983).

Condizente ao pensamento anterior, Bastide (1873) ressalta que apesar dos esforços abolicionistas, a escravidão permaneceu o fato dominante da época e o reflexo desse pensamento era perceptível na literatura.

[...] o negro bom (estereótipo da submissão); o negro ruim (estereótipo da crueldade nativa e da sexualidade sem freios); o africano (estereótipo da feiura física, da brutalidade rude e da feitiçaria ou da superstição); o crioulo (estereótipo da astúcia, da habilidade e do servilismo enganador); o mulato livre (estereótipo da vaidade pretensiosa e ridícula; a crioula ou a mulata (estereótipo da volúpia) (Ibidem, p. 124).

Assim era impressa a imagem do negro na sociedade brasileira, os estereótipos passam a compor a literatura brasileira, trazendo o negro conforme descrito na citação acima. Ou seja, todas as descrições são, de alguma forma, negativas.

Em conformidade, Sayers (1958) destaca um dos primeiros registros que apresentam a figura do negro no Brasil. Trata-se do *Tratado Descritivo do Brasil*, de 1687, do autor Gabriel Soares de Sousa. A descrição segundo nos apresenta Sayers é pesada no sentido de destacar uma realidade grotesca e inferiorizada. Vejamos:

Os negros interessavam tão-somente pelo seu valor econômico ou pelo pitoresco. São alimentados com milho, como os cavalos e outros animais, e têm uma desordenada propensão pelas bananas - como hoje em dia se afirma com relação aos macacos. “São geralmente cobertos de uma espécie de piolho, proveniente da vida imunda que levam, piolho que também se encontrava entre os brancos” (SOUSA *apud* SAYERS, 1958, p. 60).

A descrição acima é carregada de preconceito e mostrava o negro a partir de um olhar estereotipado. Assim, Sayers (1958) também vem nos apresentar o escritor Marques Pereira como tendo sua obra inserida na literatura de viagem e

descrevendo, por sua vez, o escravo da época conforme a sociedade o via, isto é: “pobres, tristes, semidesnudados da faina das fazendas; praticando tôdas (sic) as espécies de vícios na vida das cidades. Trabalham domingos e dias festivos, desde antes de nascer do dia até o pôr do sol, pois a isso são forçados por seus senhores” (Ibidem, 1958, p. 87). Esta descrição é bem fiel à vida do escravo e, neste sentido, percebemos que o escritor não se intimida em retratar como era tratado o negro pela sociedade brasileira: a animalização e coisificação do negro percorreu as linhas dos registros literários da época.

A discriminação racial se fará presente na literatura e a este respeito, Cuti (2010) ressalta que a discriminação além de ser uma arma contra os negros, se faz presente na produção cultural e literária. Um dos exemplos mais presentes sobre os rótulos destinados aos negros refere-se a sua força física que estaria ligada muitas vezes à ideia de o negro só servir para o trabalho pesado. Temos também a apologia sexual da mulher negra. “Durante todo o período colonial, a imagem do negro estará indissolúvelmente associada à do trabalho servil, o poeta branco procurará ocultar de sua bem-amada a visão horrível ou repugnante dos trabalhadores miseráveis” (BASTIDE, 1973, p. 117).

Ainda tratando dos estereótipos identificados ao longo da história da literatura brasileira, Duarte (2010) complementa, “São estereótipos sociais largamente difundidos e assumidos inclusive entre suas vítimas, signos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade” (p.19). Em decorrência da história de discriminação racial, e conforme o autor destaca, dentre a população negra existia a prática de preconceito, a não aceitação da cor e dos traços africanos tão presentes na população, isso se dava por conta de uma superioridade branca instaurada no imaginário social. Segundo Cuti (2010) “O preconceito (conjunto de ideias e sentimentos genéricos a respeito de um determinado tipo de pessoa) antinegro está enraizado nos não negros e nos próprios negros” (p. 25).

Conforme Brookshaw (1983), quando a abolição foi aprovada, o contexto social que mostramos até aqui permitiu a efetiva instauração de estereótipos destinados aos negros. Com isso, o autor destaca o seguinte:

De um lado, o passivo e fiel escravo tornou-se o negro resignado, subjugado; o escravo violento evoluiu para abranger o mulato passional e rebelde, enquanto estereotipado do escravo imoral sobrevivia na parte masculina, sendo relegada à passividade, à derrota biológica e ao total abandono social. Originados na literatura

abolicionista, nenhum desses estereótipos foi o produto de uma visão melhorada do afro-brasileiro (Ibidem, p. 47).

Além de estereotipado, o negro no pós-abolição ficou sem amparo social, pois a lei que liberta os escravos não assegurou nenhum direito à moradia, saúde e dignidade. Conforme destaca Gomes (2008, p.141), “(...) expostas a situações indignas de vida, pertencentes às camadas mais baixas da população, expostas ao desemprego, ‘bicos’, aos empregos mal remunerados, empregos que exigem atividade braçal, esforço físico”. Todas as funções desempenhadas pelos negros eram inferiorizadas pela sociedade, sendo todos trabalhos pesados e manuais.

Percebe-se a importância de um debate mais conciso acerca da literatura que se instaurou no Brasil, e da criação de uma nova vertente literária, concebida com a nomenclatura de literatura negro-brasileira como define Cuti (2010) ou afro-brasileira, como denomina Duarte (2010). O que se sabe é que ambas tratam de temáticas étnico-raciais e que visam dar voz, representatividade e mostrar o poder criativo de autores/as negros/as. Por questões didáticas, em nosso trabalho optamos por utilizar o termo afro-brasileiro, além de se justificar também pelo fato de a autora em estudo se autodenominar afro-brasileira. Deixamos claro que esta temática ainda está em aberto e é um campo de disputas. Existem estudiosos e estudiosas que defendem outras terminologias para denominar o que escolhemos chamar de literatura afro-brasileira.

## **1.2 Algumas reflexões sobre o conceito da literatura afro-brasileira**

A denominação do conceito de literatura afro-brasileira, como aponta Duarte (2010), é um termo que ainda está em construção, ele [...] “remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridismo étnico e linguístico, religioso e cultural” (Ibidem, p. 7). Já Cuti (2010) ao definir esta literatura escrita e voltada para os negros enfatiza que:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante

disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais (Ibidem, p. 36).

Em outras palavras, o autor declara que o discurso aplicado à literatura brasileira não permite que a literatura afro-brasileira seja autônoma, estando, portanto, dependente da literatura africana. O conceito de literatura negra ganha uma maior visibilidade a partir de 1978 com a publicação de *cadernos negros* que segue uma linha mais militante vinculada ao movimento negro e que prescreve o tema negro e o protesto contra o racismo. O engajamento dessa literatura tem como objetivo descrever o negro a partir de suas individualidades e coletividade, centrando-se também na denúncia de estereótipos (DUARTE, 2010).

Conforme Duarte, Zila Bernd compreende que a poesia negra é feita a partir do negro enquanto sujeito enunciador, e tal fato viabiliza que a História seja reescrita do ponto de vista do negro. Luiza Lobo, juntamente com Brookshaw, defende que tal literatura não pode ser escrita por autores brancos, sendo esta escrita apenas por autores negros (DUARTE, 2010).

Para Ironides Rodrigues, citado por Lobo (1993), “a Literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreve sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que lhe concernem: religião, sociedade, racismo” (LOBO, p. 174). Ou seja, segundo Rodrigues, o escritor tem de se assumir como negro. Pensando em Simone de Beauvoir, ao dizer que não se nasce mulher, mas torna-se mulher, com o negro esta expressão pode ser utilizada para se compreender que no Brasil não se nasce negro/a, torna-se negro/a. Portanto, o termo negro passa a ser muito político no sentido de aceitar-se como tal.

Essa discussão que estamos fazendo ao longo desse trabalho torna-se importante na atualidade, onde tanto se fala sobre resistência e empoderamento negro, para podermos perceber o quanto é atual a questão da representação da desigualdade racial e o fato de torna-se negro ser um ato político no sentido de falar sobre como o passado ainda reflete na sociedade contemporânea, ou seja, a personagem negra continua sendo representada conforme o reflexo de sua realidade, no entanto, a partir de seu ponto de vista, que é o que veremos mais adiante, o negro torna-se protagonista da sua história.

O estudioso Eduardo Assis Duarte (2010) ressalta que o termo afro-brasileiro ainda está em construção, daí destacar que existem elementos que o distinguem na

literatura, ou seja, para ter uma literatura afro-brasileira, não basta apenas ser denominada assim, deve-se seguir uma estética, parte-se de uma escrita que possui uma voz autoral afrodescendente, estando esta explícita ou não no discurso, a este respeito, a escritora ou escritor parte de um lugar de enunciação que reflete as suas origens africanas. Outro fator destacado por Duarte é a temática da escrita, tendo esta que abordar temas afro-brasileiros como, por exemplo, a ancestralidade, os costumes e crenças de grupos africanos que foram trazidos para o Brasil no período da escravidão. O tom da escrita, o ritmo, sintaxe ou sentido devem ser formados a partir de uma escrita direcionada ou não aos negros, como é o caso da escritora em estudo que apresenta em suas narrativas uma estética de discurso particularmente direcionada aos negros.<sup>2</sup>

O termo afro-brasileiro integra várias línguas, culturas, religiosidades, seria um hibridismo que se fez presente na construção do Brasil (DUARTE, 2010). A literatura afro-brasileira tem como ponto de partida na sua formulação um narrador que se autodeclara negro ou afrodescendente e o enredo se segue a partir do seu ponto de vista. Uma voz autoral que se assume negra.

O lugar de onde o autor vai expressar sua visão de mundo é notado a partir de seu ponto de vista em relação à sociedade e aos costumes, neste caso, não reproduzir os costumes da classe dominante com objetivo de expressar a partir da arte da escrita a perspectiva de vida dos afrodescendentes.

O primeiro ponto para se pensar em uma literatura afro-brasileira, a partir do pensamento de Duarte, diz respeito à *temática*. Esta deve partir da história dos afrodescendentes, contemplar o resgate histórico e a denúncia sobre a opressão dos escravizados. Pode partir também para a glorificação de heróis ou a valorização da cultura em questão, explorando as crenças e religiosidades diversas que os escravizados trouxeram para o Novo Mundo, bem como partir da história de luta dos negros que resistiram ao cativeiro.

Para Duarte, uma importante vertente desta temática refere-se aos dramas contemporâneos que busca expressar na literatura as mazelas sociais vividas por personagens negras na sociedade atual. Em decorrência disso, temos, por exemplo, a favela, a criminalidade, marginalização, o descaso social e a negligência da

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que a escritora Conceição Evaristo, como já frisamos, não escreve direcionada unicamente a pessoas negras: é uma escrita que chega a todos os povos/etnias. Mas, considerando as especificações de Duarte, para ser literatura afro-brasileira faz-se necessário haver um direcionamento aos negros.

infância que passam a compor os textos de autores negras/os. Duarte adverte para a não padronização da temática do passado e do presente dos afrodescendentes: “adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores, como a autoria e o ponto de vista” (DUARTE, 2010, p. 124). Com a não padronização é possível pensar na capacidade criativa dos autores, por isso o autor enfatiza a diversidade de temáticas que podem ser abordadas nas escritas afro-brasileiras.

O segundo ponto refere-se à *autoria* e decorre da relevância entre a interação da escritura e experiência. A autoria, enquanto impulsionada pelo desejo de falar por uma coletividade, imprime também as individualidades e experiências de cada um fazendo-as serem percebidas nos outros. Este tipo de escrita vai se fazer parecida com a realidade de uma determinada comunidade, como é o caso da escrita de Conceição Evaristo que toma o conceito de Escrivivência como fundamento para poder representar seu povo. “O impulso autobiográfico marca as páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho” (DUARTE, 2010, p. 126).

O *ponto de vista* adotado pelo autor indica a visão de mundo autoral. O universo do texto deve abordar uma perspectiva referente à história, diversidade e cultura, abrangendo toda problemática envolvendo a vida e condições das personagens afrodescendentes. Um exemplo que podemos citar aqui é a alusão que Evaristo faz à cultura Banto e à ancestralidade africana em *Ponciá Vicência* (2017). A oralidade como referência aos *griots*, contadores de histórias africanos que podemos identificar na figura de Tio Totó em *Becos da memória* (2017), a sua importância como contador de história para a menina Maria Nova, em sua infância, é um ponto a se pensar sobre a importância da contação de histórias para crianças, e de como a memória e o resgate dela são tão necessários para se preservar a história de vida dos povos. Em síntese, o ponto de vista deve em primeiro lugar se desprender do discurso do colonizador e assumir uma identidade afro-brasileira.

O elemento *linguagem* na escrita é para Duarte um dos fatores instituintes da diferença textual no texto literário. O vocabulário inserido na literatura afro-brasileira passa a ser observado também a partir de sua origem africana. Nos contos de Evaristo aqui analisados, podemos citar a referência a nomes de origem africana presentes no conto *Duzu-Querença*, por exemplo, Alafaia, Kiliã, Bambene. O elemento africano da linguagem, observado por Duarte, pode ser encontrado, por

exemplo, no pensamento de Lélia Gonzalez, o “pretuguês”, que é uma espécie de africanização introduzida ao idioma português falado. Esta africanização é percebida na linguagem das narrativas afro-brasileiras, e como aponta Duarte, é um ponto importante para a consolidação da temática afro na língua portuguesa.

Tendo em vista o alto valor da produção editorial, cabe ressaltar a necessidade de que a obra literária afro-brasileira chegue ao *público*. Para isso, a divulgação do material é feita a partir de meios mais acessíveis, como é o caso das mídias sociais. Ultimamente esta ferramenta de divulgação permite que o/a escritor/a chegue à população mais carente. Os projetos sociais voltados para a comunidade carente também são importantes meios de conscientização, informação e divulgação da literatura afro-brasileira, como podemos visualizar na seguinte citação:

A constituição desse público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro, sobretudo a partir de Solano Trindade, Oliveira Silveira e dos autores contemporâneos. Esse impulso à ação e ao gesto político leva à criação de outros espaços mediadores entre texto e receptor: os saraus literários na periferia, os lançamentos festivos, a encenação teatral, as rodas de poesia e *rap*, as manifestações políticas alusivas ao 13 de Maio ou ao 20 de Novembro, entre outros (DUARTE, 2010, p. 134).

Na perspectiva de Duarte, a afrodescendência é tida como fim e começo, partindo-se da ideia de que o ponto de vista e o lugar de enunciação do escritor têm uma origem e um direcionamento específico. Para ser escritor afro-brasileiro o sujeito tem que se reconhecer como negro. O eu enunciador negro pontuado por Duarte representa o reconhecimento de torna-se negro. Em suma, para ele, na interação dos cinco fatores elencados anteriormente, (temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público) é possível constatar a totalidade de uma plena literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo (2009) também reflete sobre a literatura afro-brasileira e afirma, “A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira” (p. 27). É através desse pensamento que Evaristo anuncia sua literatura de modo que reafirma suas origens e se autodenomina escritora afro-brasileira. E Lobo (1993) ressalta que “não é simplesmente a cor da pele que define a literatura negra. É preciso uma convicção ideológica que corrobore

na postura do autor” (p.166). Ou seja, como posto mais acima, é necessário tornar-se negro.

Por fim, Duarte (2010) elucida o seguinte:

Deixando de lado polêmicas de fundo sociológico, político ou antropológico, também é certo que não há, sobretudo no Brasil, uma literatura 100% negra, tomada aqui a palavra como sinônimo de africana. Nem a África é uma só, como nos demonstra Apiah (1997), nem o romance, o conto ou o poema são construções providas unicamente do Atlântico Negro. (DUARTE, 2010, p. 7).

Como evidenciado na citação anterior, a literatura afro-brasileira representa uma diversidade e não é composta apenas de uma única cultura. No Brasil, os afrodescendentes ressignificaram seus costumes e a partir de adaptações feitas, seja da cultura africana, seja da cultura brasileira, repensaram sua expressão com o objetivo de não perder suas raízes. Por meio dessa ressignificação constituíram uma forma de se expressar autêntica e singular, como podemos notar na literatura afro-brasileira.

Como sinaliza Lobo (1993), a literatura negra que surgiu desde a década de 1970 e possibilitou, dentre outras coisas, uma releitura cultural, necessitou de espaço para inserir-se no âmbito literário, por isso, além da qualidade, importa a oportunidade desta vertente literária. Ou seja, a qualidade do escrito se faz importante, mas a oportunidade de inserir-se no âmbito literário ainda apresenta barreiras que vão desde a cor da pele do autor ao valor que se investe para publicação e divulgação das obras.

Autoras da favela, classificadas por diferentes rótulos como literatura marginal ou de periferia, escrevem sobre temáticas atuais e discorrem sobre a realidade da periferia, são relatos memorialísticos e testemunhais que retratam as mazelas sociais, bem como a valorização da identidade cultural. Por este motivo, a literatura afro-brasileira também busca representar dilemas de uma parcela da sociedade silenciada. A voz autoral se constitui como recurso de resistência a todo tipo de imposição da cultura dominante<sup>3</sup>.

Partindo do recorte que fizemos até aqui do estudo a respeito da representatividade da personagem negra, foi possível verificar que a personagem negra infantil pouco aparece, sendo analisada em sua maioria a personagem

---

<sup>3</sup> Esta parte da nossa pesquisa trouxe, com modificações, ideias desenvolvidas em artigo escrito para o cumprimento da disciplina de Tópicos Especiais *Panorama da Teoria da Narrativa*, que teve como título: *Os estudos culturais e a literatura afro-brasileira - resistência e memória em Becos da memória*.

mulher, o homem e as relações sociais direcionadas aos negros. Desta forma, indagamos a respeito da infância das personagens que integram precocemente um cenário de desigualdade e violência, como podemos verificar nos contos da escritora Conceição Evaristo.

Na literatura brasileira contemporânea podemos citar como exemplo para a representatividade da infância imersa em um contexto de violência e criminalidade o livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, que retrata a realidade social de crianças moradoras da favela, onde a criminalidade passa a ser a continuidade da vida adulta. Este tipo de narrativa, escrita por moradores da favela e ex-moradores, aborda, em sua maioria, uma crítica social direcionada às condições de vida e de morte diariamente enfrentadas por crianças inseridas em contexto de abandono, e carência (OLIVEIRA, 2017b).

Como enfatizado na nossa introdução, a infância ainda é um tema pouco estudado no seguimento da literatura afro-brasileira, e a personagem infantil não é pensada como sujeito ativo, estando ela refletida de modo mais superficial, seja pensada a partir de uma lembrança de um personagem adulto, ou citada de maneira mais discreta. Ao traçarmos o sucinto caminho sobre a representatividade da figura negra, nos encaminhamos agora para pensar a personagem infantil negra na literatura afro-brasileira. Lembramos que o seguimento que estudamos é a literatura direcionada para o público em geral, uma vez que existe uma literatura infanto juvenil que se propõe a escrever para este público.

### **1.3 Considerações sobre a temática da infância**

O termo infância tem origem no latim *infantia*, do verbo *fari*, que significa falar, formado pelo prefixo *in* que se refere à negação do verbo, tendo-se, portanto, a palavra *infans* que significa indivíduo que ainda não é capaz de falar. “*Infans* é aquela que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos” (GONZALEZ, 2020, p. 79). Este *infans* também pode ser compreendido como aquele que ainda não se faz entender.

A partir desta definição é possível verificar que esta fase da vida foi percebida ao longo da história como não tendo muita importância. Logo, na construção da mentalidade social, a noção de infância silenciada passa a refletir também na

literatura afro-brasileira. As crianças não são protagonistas em literaturas para o público em geral. Como exposto anteriormente, aparecem como personagens secundárias que pouco se destacam. Pensando nisso, e com a prévia leitura dos contos da coletânea *Olhos d'água*, nós percebemos como Evaristo apresenta protagonistas infantis em suas narrativas que embalam histórias sobre meninas-mulheres-mães. Essas personagens infantis são silenciadas antes de nascer, visto que, a maioria delas não nasceu de uma gravidez planejada e desejada, e ao nascerem já carregam a marca da desigualdade.

Tomando como base a nossa realidade social, destacamos o marco legal do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que compreende as leis normativas judiciais e tem como objetivo principal dispor da obrigatoriedade do cuidado integral da criança e do adolescente. De acordo com o ECA, os indivíduos de 0 a 12 anos incompletos são considerados crianças e os de 12 a 18 anos são denominados de adolescentes, estando, pois, de acordo com o estatuto, em condição de desenvolvimento. Como podemos visualizar no artigo 4º deste estatuto, a proteção integral da criança e do adolescente é dever da família, comunidade e sociedade em geral, vejamos:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Como visto, o cuidado e atenção para com as crianças é dever tanto da família, quanto da comunidade em geral. Neste sentido, é importante afirmar que a infância, enquanto importante fase de desenvolvimento humano, deve ser tratada com atenção e respeito para que a criança se torne um cidadão capaz de resolver situações conflituosas, conviver em sociedade, desfrutar de seus direitos e respeitar seus deveres.

Elizabeth Badinter (1895) nos apresenta que o sentimento da infância descrito por Philippe Ariès se refere a uma longa evolução acerca do seu sentido. Quando nos reportamos ao pensamento de Ariès, notabilizamos em seus estudos a ausência do sentimento de infância até o fim do século XVII. Por não haver uma preocupação e cuidado nessa fase da vida, o período era marcado por um alto índice de mortalidade infantil. Nos primeiros anos de vida, os adultos tinham pelas crianças

um sentimento de ‘paparicação’, ou seja, a criança servia de gracejo para os adultos, pois simbolizava inocência e ingenuidade. Para outros, ela era vista como selvagem e irritante, a sua morte não resultaria em grande tristeza, pois se morresse, outra criança viria em breve para substituí-la. Assim, as crianças eram deixadas aos cuidados de amas-de-leite e serventes da casa até que atingissem certa autonomia para poder interagir e integrar a vida adulta.

Vale ressaltar que os documentos e registros estudados por Ariès se referem apenas a crianças de classe média, não possuindo, dessa maneira, elementos para estudar as crianças pobres, deixando margem para pensarmos na questão do abandono e descaso sofrido por elas ao longo da história da humanidade. A noção de infância tem sua origem histórica muito localizada e mais ocidental, como nos demonstra Ariès.

A infância é socialmente construída e produto do contexto social em que estão enredadas. Portanto, passível a mudanças a depender da época, localização e costumes dos sujeitos envolvidos. Na Modernidade “O sentimento da infância envolve o cuidado e a preocupação com a saúde, educação, bem estar das crianças” (OLIVEIRA, 2015c, p. 89). Fator interessante é a não atribuição desse cuidado e preocupação nas narrativas que serão analisadas, pelo contrário, o que notamos é um descaso, proveniente da pobreza e falta de instrução das mães e pais, resultado da desigualdade social brasileira.

Vale ressaltar que a maternidade das personagens em estudo resulta no abandono por parte do pai da criança, recaindo sobre a jovem mãe a responsabilidade de cuidar da nova criança que foi gerada. Daí já se iniciar o ciclo repetitivo na vida da “criança que faz criança<sup>4</sup>”.

A personagem infantil é objeto preponderante na literatura infanto juvenil, no entanto, quando pensamos na sua aparição na literatura contemporânea brasileira dirigida ao público em geral, notamos que esta não aparece com frequência, e quando aparece é a partir da memória de uma personagem e sua voz não consegue ser audível, pois é apresentada predominantemente através da narradora que fala a partir de seu ponto de vista e não da própria personagem criança (MATA, 2015). Para Oliveira, a infância representada nos romances afro-brasileiros trata-se de uma “alegoria de um tempo e espaço social marcado pela marginalização, discriminação

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Calaf (2007) em sua dissertação intitulada: *Criança que faz criança: (des)construindo infância e sexualidade com meninos e meninas de rua*.

e exploração, de modo que a proteção projetada em torno da criança idealizada pela burguesia não tem como alcançar as crianças herdeiras de uma história de escravidão” (OLIVEIRA, 2015c, p. 90).

Luciana Araújo Figueiredo (2010), em dissertação de mestrado intitulada “A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa”, destaca alguns clássicos da literatura brasileira que abordam a temática da infância, sendo eles: *Memórias póstumas de Braz Cubas* de Machado de Assis (1881); *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (1933); *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil* (1936) de Gilberto Freyre e *Infância* de Graciliano Ramos, escrito em 1945. Já Mata (2006) complementa ao citar *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Machado; *Memórias de um sargento de milícia*, de Manoel Antônio de Almeida, e o romance reportagem: *A infância dos mortos*, de José Louzeiro.

A infância foi explorada por realistas e modernistas como passagem pela vida adulta, sem deter ou dar uma maior atenção a esta fase da vida, como citado por Mata (2006), nos clássicos Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. A retratação da criança na literatura é tomada por inspiração do adulto que se tornará.

A presença da criança encontra um lugar bem periférico na literatura contemporânea brasileira. Na dissertação de Mestrado de Oliveira (2015), que analisou a representação da infância em dois romances de Conceição Evaristo, sendo eles *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, a estudiosa destaca que é possível afirmar que as crianças negras narradas na literatura de Evaristo são construídas como atores históricos capazes de reagir e criar formas de resistência. A este respeito, nos reportamos a concepções sociológicas referente à modernidade que passam a visualizar a criança enquanto sujeito ativo e produtor de cultura.

A personagem infantil enquanto protagonista na literatura afro-brasileira, conforme defendido por Oliveira (2015), é descrita como sujeito ativo e produtor de cultura. Já Mata (2006), ao analisar a personagem infantil na literatura brasileira, destaca que a esta é dispensada significativa atenção, visto que não era tratada jamais como homem ou mulher em si. “Ele é corpo ou alma puro, que são violados pelo mundo para, quase sempre, resultarem num adulto” (p. 13).

Nos contos que serão posteriormente analisados, notamos que as descrições acerca da infância das crianças não condizem com o sentimento de infância criado

pela modernidade que implica no cuidado e atenção. Notadamente, as crianças passam a ser representadas muito precocemente como adultas, estando, portanto, semelhantes à descrição feita a partir dos estudos de Ariès (1978), adultos em miniaturas que passam a integrar situações sociais de maneira muito violenta e precoce.

A interação das crianças com os adultos não acontece de maneira explícita. Elas aparecem na maior parte dos casos de modo distantes do foco da narrativa. O mais comum sobre as crianças é a questão do desamparo tanto pelos pais quanto pelas políticas sociais. Ou seja, a proteção institucional não existe. O que verificamos em comum entre as infâncias descritas é a herança escravocrata (OLIVEIRA, 2015a). Conforme Souza (2015) no plano ficcional a temática da infância trata de captar os deslocamentos das crianças duplamente penalizadas pelo abandono familiar e estatal.

Partindo do interesse em analisar a representação da infância em contexto de abandono na literatura da escritora Conceição Evaristo, de antemão percebemos que as personagens dos contos que serão analisados perpassam essa fase da vida enfrentando problemas de ordem social, psicológica, violência doméstica, abuso sexual, trabalho infantil, e desamparo. Todas estas desordens acontecem no período referente à infância e adolescência e refletem negativamente ao longo da vida das personagens, e em sua maioria elas não conseguem superar o trauma vivenciado, tendo um futuro ceifado, seja morrendo de bala perdida como Zaíta, de atropelamento como Lumbiá, ou como indigente, feito Di Lixão. Personagens infantis criadas por Evaristo que tiveram a infância interrompida.

Nos casos citados acima, a negligência para com as personagens parte tanto do descaso e desamparo familiar, quanto estatal. O ECA define que é dever da família orientar e amparar a criança. O Estado, a família e a sociedade têm o dever de zelar pela integridade física e moral do menor. Com isso, caso haja alguma situação de abandono e descaso, é dever do adulto denunciar aos órgãos competentes, se a denúncia não for efetuada, quem presenciou ou tem conhecimento dos maus tratos e abandono sofridos por crianças, será automaticamente considerado conivente com a situação de violência. Por isso, é dever de toda a sociedade zelar pela integridade da criança em situação de violência.

Vale ressaltar que a legislação também garante os direitos de assistência à mãe gestante e o atendimento hospitalar especializado e não admite nenhuma negligência ou violação acerca dos cuidados com mãe e criança. Distante da efetivação da legislação, os contos que retratam a gestação precoce de adolescentes na escrita de Conceição Evaristo abordam o descaso, o abandono e a exclusão social para com as gestantes e as crianças que estas geram.

Além de denunciar a prática de adoção à brasileira<sup>5</sup>, que podemos identificar no conto *Quantos filhos Natalina teve?* Em que a jovem menina ao dar à luz em um hospital entrega a criança a uma enfermeira, obviamente não houve nenhum processo de adoção judicial, a adolescente-mãe entrega a criança filha e toma outro rumo em sua vida, negando-se de ser mãe naquele momento de sua vida. A narradora relata parecer uma boneca que Natalina não quer mais e cede a uma pessoa qualquer. No caso em questão a enfermeira parece ter uma condição financeira, estrutural e amorosa para cuidar e amparar a criança.

Em parceria com a família, a escola é o primeiro ambiente onde a criança tem a oportunidade de conviver em sociedade, com os colegas e professores. Neste ambiente, juntamente com a participação e cooperação da família, o sujeito aprenderá regras e normas sociais. No entanto, crianças advindas de famílias desestruturadas e carentes possuem resultados negativos no âmbito escolar. “vale ressaltar que a maioria das crianças negras, nas escolas de primeiro grau, são vistas como indisciplinadas, dispersas, desajustadas ou pouco inteligentes” (GONZALEZ, 2020, p. 39). Elas são encaminhadas a postos de saúde mental e avaliadas por psicólogos e psiquiatras que lauda com problemas psicológicos de aprendizagem.

É no ambiente escolar que as crianças e os adolescentes podem interagir com colegas de sua faixa etária e conviver com professor e adquirir novos conhecimentos acerca da vida e da sociedade. Os conteúdos aprendidos no ambiente escolar quando transmitidos de maneira consciente por um profissional qualificado permitem que a criança e adolescente se desenvolvam de maneira integral. Para que isso aconteça, as condições de moradia, alimentação e saúde devem estar de acordo com as necessidades dos menores.

---

<sup>5</sup> Registrar uma criança com o nome de outra pessoa é uma prática conhecida no Brasil como adoção à brasileira. Não é verdadeiramente uma adoção, pois não segue a legislação da adoção.

Notamos que da personagem Duzu foi tomado o direito de estudar. A personagem secundária Querença é quem vai concretizar o sonho do avô e vai estudar mesmo diante da pobreza e falta de assistência. A neta Querença que pouco aparece no conto representa a esperança dos que já morreram, Querença cumprirá o sonho dos avós que desejavam para Duzu uma vida melhor através dos estudos. Mas como a personagem foi vítima de uma série de violência, será sua neta, a terceira geração que manterá viva a esperança dos que já se foram.

Na década de 1970, a miséria e a pobreza nas grandes cidades advindas, dentre outras justificativas, do êxodo rural e do despreparo e falta de assistencialismo, fez com que inúmeras famílias vivessem em condição de miséria, destinando as crianças uma total desassistência e desamparo diante das péssimas condições de sobrevivência. A pobreza e carência social são fatores que impediam as crianças de se sobressaírem no contexto escolar. Boa parte delas tinha a necessidade de trabalhar para ajudar na sobrevivência delas próprias e de suas mães ou, muitas vezes, ingressavam precocemente numa vida desregrada de criminalidade.

A incerteza quanto ao futuro e a ineficiência de políticas sociais de inclusão fazem com que muitos jovens se sintam ainda mais excluídos pela sociedade e provoca neles a invisibilidade quanto a garantia de direitos básicos. Resta-lhes os trabalhos informais, ou o envolvimento com a criminalidade. No caso das personagens meninas, citamos os trabalhos domésticos e a prostituição como forma de sobrevivência de meninas negras.

Muito do que foi exposto ao longo deste tópico aparece nos contos que serão analisados. Essas temáticas são inspirações para que Evaristo crie e recrie sua literatura a partir de uma linguagem ao mesmo tempo crua e terna. Crua no sentido de ser realista e terna por ser capaz de imaginar e de sugerir outras possibilidades em meio ao real retratado.

#### **1.4 Escre-vivendo a infância em Conceição Evaristo**

No âmbito dos estudos críticos literários surgiu uma importante vertente que é a Crítica Literária Feminista, cujo intuito era questionar a prática acadêmica tradicional de cunho patriarcal. E, desde então, vem possibilitando uma nova prática de leitura e interpretação do texto literário, em que confere notoriedade à figura da

mulher. Esta vertente crítica, segundo Zolin (2010), mostra que após a década de 1960, a produção da escrita feita por mulheres passou a levar em consideração suas experiências pessoais. Em vista disso, em vez de papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, passaram a discutir sobre sexualidade, identidade, angústias femininas e temas especificamente vivenciados por mulheres, como nascimento, maternidade, estupro e temáticas que envolvem as vivências de crianças e adolescentes.

Constância Lima Duarte (1987) frisa que o enfoque sobre a mulher data inicialmente das décadas 60 e 70 e este resultado só é possível graças a atuação do movimento feminista que pretendeu, nas palavras da escritora, “destruir mitos da inferioridade” natural, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então, tinham escrito a respeito” (p.15). Referida temática só alcançou legitimidade quando se introduziu no circuito acadêmico, tornando objeto de muitos estudos, e contribuiu para a divulgação de muitas escritoras até então desconhecidas (Ibidem, 1987).

A escrita da mulher negra intervém na possibilidade de representar também grupos minoritários que não têm o poder de se fazer ouvir. Por este motivo destacamos a questão da literatura de autoria da mulher negra ao abordar a temática da infância, por consequência da escrita, esta fase da vida passa a integrar os romances e contos de escritoras contemporâneas afro-brasileiras que além de escrever e ressignificarem sua vida através da literatura ao dar vida a personagens inspiradas na sua vivência e na sociedade que as rodeia, incorporam-se ao seu repertório as personagens infantis.

Como é o caso de Carolina Maria de Jesus, a escritora, ex-catadora de lixo, descreve a sua infância, adolescência e vida adulta no romance autobiográfico *Diário de Bitita*. Na narrativa é possível visualizar a trajetória da menina/mulher negra no período seguinte a abolição na cidade do Rio de Janeiro. Retrata a pobreza extrema e a violência naturalizada para com os negros e as diversas dificuldades enfrentadas por uma criança negra que teima em resistir e tornar-se escritora. Inspirada na escrita de Carolina, Evaristo compõe sua narrativa a partir da realidade vivenciada diariamente com seus familiares, vizinhos e demais personalidades que vão surgir ao longo de sua vida. Como podemos verificar no

prefácio de *Histórias de leves enganos e parecenças* “Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências” (EVARISTO, 2017, s.p.).

O ato de escrever possibilita que Evaristo transborde suas experiências cotidianas em suas narrativas, permitindo assim a representatividade de uma coletividade por meio de suas histórias. Este fato se concretiza no conceito de *Escrevivência* elaborado pela autora.

Com o objetivo de melhor compreender a respeito desse conceito, notabilizamos que a romancista utiliza do método teórico da metalinguagem a fim de aproximar escrita e vivência na sua literatura. Acerca da metalinguagem presente nos escritos contemporâneos negros, Miranda (2019) ressalta o seguinte:

Por trazer para o centro do escrito reflexões sobre os silenciamentos impostos à voz, a metalinguagem é um recurso muito presente nos textos de autoras negras contemporâneas. No caso da *escrevivência* em particular, a produção ficcional de Conceição Evaristo se empenha na chave da “metanarrativa”, isto é, faz-se do romance plataforma para a construção de uma narrativa para a própria vida a partir da organização de fragmentos perdidos de histórias que são suas e também são pregressas, coletivas, históricas. Uma narrativa para si (mulher negra) construída na encruzilhada entre o pessoal-biográfico-autoral e político-comunitário-social (MIRANDA, 2019, p. 274).

Como visto, o romance se constituirá por uma narrativa da e para a própria vida. A escrita de romance pautada nas experiências da autora, e neste caso, nas experiências de mulheres negras, imprimem um tom autobiográfico, pois apresentam-se de modo muito realista. Ao passo que as experiências são reconstituídas no plano ficcional, a escrita apresenta o recurso da verossimilhança, esta, conforme explica Cuti (2010), trata-se de ler um texto ficcional ou poemas e o leitor sentir que aquilo parece verdade, ou seja, existe uma semelhança muito grande com a realidade. O escritor por meio de sua vivência introduz no texto uma verdade que acaba se constituindo como coletiva. “Em suma, o fato de *escrevivência* se localizar num intermédio entre realidade e elaboração literária não reduz o caráter e alcance ficcional do texto, pelo contrário, amplia seu espectro” (MIRANDA, 2019, p. 278).

Ademais, para pensar a *escrevivência* é necessário levar em consideração o lugar de enunciação da escritora. Além de ser mulher, é negra em um país de cultura escravocrata, como já foi discutido inicialmente em nossa pesquisa. Para

tanto, trata-se de uma subjetividade explicitamente evidenciada nos textos que abordam uma literatura afro-brasileira.

Em virtude de uma escrita pautada pela oralidade e ancestralidade, em suas muitas entrevistas Evaristo salienta que suas narrativas podem ser pensadas como as histórias contadas por seus pais, tios, avós ou primos, ou até mesmo uma vizinha próxima, o filho de uma conhecida, um aluno. As personagens criadas por Evaristo estão muito próximas de uma vivência coletiva. Para Ela, o ato de escrever é muito doloroso, porém, lhe dá certo alívio escrever sobre as mazelas sociais e os dilemas enfrentados por afrodescendentes na sociedade brasileira<sup>6</sup>.

Conceição Evaristo afirma, ainda, que cresceu rodeada por palavras. Em suas entrevistas faz questão de enfatizar a importância das palavras, e não eram apenas escritas, mas sim uma imensa memória oral familiar. Em toda a obra da autora, a memória e a oralidade ocupam um lugar fundamental, pois desde a infância esteve submersa no universo da narrativa. E foi nesse período de sua vida que as histórias foram a ela ensinadas e passadas como forma de transmitir e preservar as histórias dos antepassados. Afirma: “Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia” (EVARISTO, 2005, p. 201). Notamos que, apesar da pobreza, a escritora teve na infância o cuidado pela mãe em ofertar às filhas o brinquedo simples confeccionado por ela própria e também o espaço para ser criança, brincar e fabular com suas bonecas a imaginação de contar o faz de conta para um público imaginado através dos brinquedos. As bonecas também eram nomeadas, e o ato de nomear é percebido como forma de afirmar a existência, mesmo que de bonecas de pano criadas pela mãe.

É a partir das experiências e da subjetividade de um povo que Evaristo constitui seu fazer literário. Escreve, na perspectiva da realidade, as crianças dos becos das favelas, sobre a pobreza, mazelas sociais, entorno dos espaços urbanos onde paira criminalidade, morte, balas perdidas, trabalhos subalternos, violência doméstica, abuso sexual, pedofilia, enfim, uma pluralidade de temáticas que constituem suas narrativas. Estas temáticas estão bem presentes nos contos do livro *Olhos d'água*.

---

<sup>6</sup> Palestra intitulada: *Conceição Evaristo - A gente combinamos de não morrer*

Evaristo ressalta que escrever torna-se um ato de teimosia e esperança, capaz de ferir o silêncio imposto. A escrita pode ser dolorosa, mas o texto finalizado constitui-se como uma barreira vencida, como podemos ler na citação a seguir.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco. Escrever pode ser uma espécie de vingança. Às vezes fico pensando sobre isso não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança (Ibidem, p. 202).

Nos textos de Evaristo podemos identificar, conforme expressa Xavier (2018), “vozes consideradas ilegítimas, não autorizadas, como as de negros, pobres e outras minorias surgem como sujeitos protagonistas que se fazem ouvir e que produzem nessa vertente literária” (p. 214). Trata-se, pois, de personagens cotidianos e de relatos de mulheres, crianças, homens que vivem à margem da sociedade. E, como posto anteriormente, o negro tornar-se protagonista e construtor literário.

Conforme Miranda (2019), o aspecto referente à ligação entre a voz narrativa e a pessoa física que escreve o texto “como se (mesmo na ficção) não houvesse a mediação da linguagem e a própria imaginação criadora formando universos textuais representativos - mas biografia, desabafo” (p. 277). Esse aspecto caracteriza a *escrevivência*, ao passo que o leitor se identifica com as narrativas. Duarte e Lopes (s.d.) complementam nossa ideia “A mesclagem de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, além de impactar o leitor, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente para com aqueles irmãos colocados à margem do desenvolvimento” (p. 3).

Concomitante ao realismo impresso em seu lirismo, Evaristo exalta a mulher como narradora e protagonista da história. Este protagonismo se dá pela via da realidade, das suas experiências vividas e, deste modo, a “escrevivência surge como possibilidade narrativa de produzir futuros para as mulheres negras, ampliando, neste ato, a imaginação constituinte do nosso tempo” (VEYNE *apud* MIRANDA, 2019, p. 278). Evaristo cria espaço para se pensar o futuro da criança negra e de como a menina protagonista integra a realidade social e sua infância é interrompida para dar lugar à vida adulta.

Os estudos sobre a representatividade da criança negra na literatura são escassos, este tema ainda é pouco explorado na academia. Por este motivo, fez-se

necessário buscarmos informações historiográficas sobre a criança na sociedade. Em vista dos estudos e pesquisas já realizados sobre a infância, notabilizamos que estes sujeitos são representados a partir da necessidade de se pensar sobre o seu passado escravocrata e em busca constante de uma emancipação social, evidenciando-se as carências enfrentadas por personagens que integram as obras, como citamos mais acima o livro *Cidade de Deus*.

De acordo com Mata (2006), é a partir do modernismo que a criança passa a ser representada através de um realismo, ao passo que a explosão da violência urbana por volta da década de 1980 em diante passa a integrar com mais vivacidade os meios de comunicação. Para Mata, a literatura brasileira dispensou a criança, sem tratá-la como homem ou mulher, o infante não aparece como personagem importante. Conforme o estudioso, na perspectiva da literatura, a criança é falada através de outro. A voz da criança é mediada a partir da voz de um adulto.

A violência contra crianças e adolescentes é integrada a temas que compõem a literatura afro-brasileira. Pensando nisso, compreendemos que a violência é um fenômeno social resultado da carência de cidadania e de acesso às condições de vida digna. Resulta, também, da exclusão social de um modelo econômico dominante que impede parcelas significativas de pessoas a terem outra possibilidade de existência, senão a violência, ou como vítimas, ou como atores principais. A precariedade afeta homens, mulheres e crianças, tornando o futuro incerto, impedindo a crença em algo melhor, ou podendo gerar a resignação de que tudo “é assim mesmo e não tem mais jeito” (OLIVEIRA, 2008).

É a partir da narrativa de Evaristo que podemos verificar como a questão da violência, abandono e submissão ainda se fazem tão presentes em nossa realidade social. Carlos Magno Gomes (2013) enfatiza que “quando a escritora brasileira passa a se interessar pela violência contra a mulher, a literatura brasileira apresenta um olhar desmistificador desse crime, expondo as particularidades que envolvem o assédio sexual e a violência doméstica” (p. 10). Neste sentido, a temática em questão começa a fazer parte dos conteúdos literários, a expor e questionar os tipos de violências que enfrentam as mulheres diariamente e ao longo de sua vida, tendo início ainda na fase da infância.

Trazemos a seguir o conceito de violência postulado por Michaud (1989) que nos ajudará a compreender por qual motivo as personagens aqui analisadas são vítimas de algum tipo de violência. Vejamos:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p.10).

Diariamente os meios de comunicação noticiam diversos tipos de violências sofridas por crianças e adolescentes. Em muitos casos as práticas de agressão ocorrem no seio familiar. Crianças em situação de abandono, trabalho infantil, exploração sexual, violência física e até morte são temáticas que ganham destaque na mídia. Em determinadas situações as agressões passam a ser uma prática constante e nunca são denunciadas. De acordo com o Art. 5º do ECA, “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). É importante que se faça a denúncia, conforme a letra da lei, caso o adulto não denuncie e mantenha estas práticas de agressões, será punido.

Assim como as mídias, a literatura também denuncia a violência enfrentada por crianças, em especial, destacamos a obra de Conceição Evaristo que integra o *corpus* de nossa análise e apresenta uma crítica social referente à condição de grupos sociais marginalizados.

O apanhado que fizemos até aqui acerca da escrita de autoria negra permite compreender que a temática da infância neste contexto é pensada justamente a partir da violência que tanto aparece como objeto de estudos acadêmicos e também noticiada diariamente nos meios de comunicação. Antes de tudo, estas mulheres que protagonizam a violência já foram crianças, e em muitos casos a violência contra elas começou a existir ainda neste período da vida. Por este motivo, faz-se necessário pensar na mulher de hoje, que já foi criança e foi vítima de alguma forma de violação. Trata-se de uma gradação da violência que teve início muito antes do nascimento e se estendeu ao longo da vida.

Portanto, a mulher que se faz ouvir, nas narrativas de Conceição Evaristo, é também uma criança que presenciou e protagonizou situações de abandono (Estatual, familiar e amoroso). Fatores que iremos analisar no capítulo seguinte.

É no processo de escrevivência que nós vamos identificar a infância sendo representada na escrita de Evaristo. Ela “escreve” também a sua infância e de

muitas crianças que são geradas e geram vida e cultura. Dentro dessa realidade gritante, outros universos estão sendo criados pela escritora do ponto de vista da imaginação e da ficção. Evaristo não apenas reproduz sua vivência, pois ela cria, recria e potencializa novas histórias com base na infância, juventude, vida adulta e velhice.

## **CAPÍTULO 2. DUZU-QUERENÇA E MARIA, UM OLHAR PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA**

Notadamente a infância perpassa as narrativas de Evaristo, por isso, buscaremos nos contos selecionados fragmentos que denotem a presença e o sentido da infância no decurso da vida das personagens. Por se tratar de narrativas inspiradas na realidade social de sujeitos negros e que vivem em condições de marginalização e vulnerabilidade social, as crianças passam a compor esta realidade desde o seu nascimento, estando, portanto, inseridas nesse ciclo repetitivo. Precocemente na maioria dos casos integram a criminalidade e/ou a maternidade. Estas situações antecipadas dão lugar à infância das personagens, que acabam por protagonizar a negligência estatal e familiar que provoca a interrupção da fase infantil. Neste segundo capítulo analisaremos os contos intitulados: *Duzu Querença e Maria*.

Nos contos escolhidos, como já frisamos muitas vezes, é possível identificar vários tipos de violências enfrentadas por crianças em situação de abandono e marginalidade social, sendo elas a violência física, psicológica, abandono, estupro e exploração do trabalho infantil. Em todas as situações as protagonistas são crianças ou adolescentes mulheres tendo a pobreza e o desamparo como cenário principal.

Sobre os contos em análise, o que podemos destacar de semelhança entre as personagens é que a maioria são meninas, negras, com exceção dos filhos de Maria, que são três meninos e o mais velho tem onze anos. A faixa etária destas crianças varia entre cinco e treze anos. Ambas compartilham de uma origem humilde e vivem em situação de desamparo, abandono, além de sofrer com a exploração do trabalho infantil e abuso sexual. Duzu e Natalina (conto que será discutido no terceiro capítulo) protagonizam, dentre outros fatos, a maternidade precoce e muitas gestações ao longo da vida, sendo elas, a maioria, indesejadas.

Percebemos também que os direitos das crianças são violados, pois todas as personagens vivenciam situações de violência e estão em situação de vulnerabilidade social e risco iminente. As maiores vítimas dessa violência, como já afirmamos, são mulheres, crianças e adolescentes.

Em vista disso, nesta parte do nosso trabalho buscamos discutir acerca da personagem representada pela criança e adolescente negra na literatura afro-brasileira a partir dos contos de Conceição Evaristo.

## 2.1 O abandono social e familiar em *Duzu Querença*

O conto intitulado *Duzu Querença* narra a história de uma criança e das vivências que ela teve ao longo da vida até sua velhice. A narrativa é iniciada contando um momento da vida da mendiga Duzu. A personagem que dá nome ao conto foi levada ainda criança para cidade por seu pai, que almejava dar um futuro melhor para sua filha e acreditava que o progresso da cidade grande possibilitaria à filha estudar e trabalhar. Sem que soubesse, a casa que a criança começou a trabalhar era, na verdade, um prostíbulo e, de faxineira, a jovem passou a ser prostituta, sendo a prostituição para a personagem-menina uma forma “acessível” de ganhar dinheiro. Ela nunca frequentou a escola, teve nove filhos espalhados pelo mundo e tornou-se moradora de rua. No fim da vida mendigava pelo centro da cidade.

Este conto é narrado em terceira pessoa, sendo a narradora onisciente. Evaristo começa a narrativa descrevendo a situação atual da personagem Duzu Querença, mostrando o seu cotidiano enquanto moradora de rua, e sua decadência ao se alimentar de restos de comida. O recorte inicial trata-se do momento de refeição em que a mendiga, imaginando estar comendo algo inexistente na lata, por várias vezes leva a mão oleosa à boca e tira os últimos grãos de arroz debaixo de suas unhas sujas. Após este imaginado sonho de estar comendo algo realmente saboroso, Duzu se farta e segue sua vida. Levanta-se e tenta andar, neste momento as forças lhe faltam e a personagem volta ao estágio inicial de sua vida “cambaleante e insegura feito criança que começa a andar” (EVARISTO, 2016, p. 20). Neste cenário nós percebemos como Evaristo se propõe a relatar não apenas a senilidade de uma mendiga, mas de como a sua infância é retratada como fator preponderante para resultar no abandono que a personagem enfrenta na velhice.

Quando a criança começa a andar é o momento de exploração e descoberta do mundo ao seu redor, ela amplia o seu campo visual, começa a descobrir o mobiliário da casa, a visualizar o horizonte, e tudo passa a ser visto de modo diferente quando ela fica ereta. O ato de andar também simboliza a construção da autonomia da criança, e a personagem Duzu, na velhice, vai perdendo esta autonomia ao se sentir como criança quando começa a andar, ficando apenas com a falta do equilíbrio. Na verdade, ela nunca teve equilíbrio na vida, a oportunidade de

ser autônoma foi tomada desde a infância, quando seu pai resolve procurar na cidade melhores condições de vida para a jovem menina.

Ainda criança, por volta dos sete anos de idade, Duzu é levada pelos pais para a cidade grande. Sua provável idade pode ser percebida quando a narradora relata que ela chegou à cidade ainda menina, muito pequena. E também, mais adiante, um trecho em que uma das prostitutas vai reclamar de um homem que acaricia Duzu, recriminando-o “não estava vendo que ela era só uma menina?” (Ibidem, p.21).

A origem humilde da personagem se comprova pela necessidade em que o pai esperançoso vê na cidade grande, na escolarização e no trabalho, uma alternativa para melhorar de vida. Duzu é pobre, mas tem casa e comida, percebe-se que o desejo dos pais citados na narrativa de que a menina estudasse e trabalhasse significa que estes não tinham condições mínimas para cuidar da filha e lhe proporcionar o tão sonhado estudo.

A neta Querença que vai aparecer no fim da narrativa também era pobre e vivia em uma favela, mas isso não a impediu de estudar e ter no coração o desejo de mudar de vida e proporcionar uma melhor qualidade de vida para as pessoas da sua comunidade. Tanto é assim que a jovem Querença compartilha o que aprende na escola com as crianças que moram na favela e que por situações adversas não podem frequentar a escola.

Notabilizamos que a personagem Duzu é descendente de africanos e isto se faz perceber pelas referências à religiosidade de matriz africana, quando a menina Querença, por exemplo, segue o enterro da avó e encontra seus parentes ancestrais, os nomes ali descritos são de origem africana, como podemos visualizar: “Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene...” (Ibidem, p. 23).

Apesar da vida de mendiga que Duzu levava, é possível notar que ela mantinha contato com os parentes, e a neta descrita mais acima era conhecedora das histórias dos seus antepassados através na memória da avó que lhe contou sobre suas origens e lhe transmitiu também os valores e crenças de origem africana. A sociedade dominante ao longo da história sempre limitou as manifestações religiosas, artísticas e culturais, no entanto, as entidades africanas conseguiram enfrentar as barreiras e limitações impostas, seja pela Lei que proibia determinada

prática religiosa. O fato é que conseguimos visualizar característica da cultura africana ainda muito predominante na estética narrativa de Conceição Evaristo.

Outra referência a respeito da origem da personagem refere-se à época mais feliz para os moradores da favela, o carnaval, momento em que Duzu e os demais que integram o campo narrativo não se permitem ficar tristes apesar de todas as adversidades. É época em que o sofrer era proibido. “Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval” (Ibidem, p.22). Duzu saía na ala das baianas, esta ala simbolizava e homenageava as mulheres (mães de santos) que abrigavam os sambistas quando eram marginalizados. Simbolizavam também a presença e preservação da cultura de matriz africana no Brasil.

Dando prosseguimento ao conto, a Duzu foi negada a promessa de estudar e ter uma vida digna, menos difícil que a de seus antepassados. Ao longo de sua vida ela deu à luz a nove filhos, crianças que não aparecem com profundidade na narrativa, mas cabe ao leitor perceber que a gradação da violência se estendeu para as crianças, fruto de abuso e exploração sexual sofrida em princípio pela mãe. Os filhos nascidos nas zonas, morros e cidades tiveram assim como Duzu uma infância abandonada e também vários filhos espalhados pelo mundo.

O fato é que esta personagem foi abandonada por seus pais, que ao entregarem a filha para morar com uma senhora, possivelmente não sabiam do que se tratava realmente o trabalho, se soubessem, talvez não tivessem a abandonado.

Duzu cumpre a sina do migrante que sai do interior para a cidade grande em busca de oportunidade e melhor qualidade de vida. Fato este que é percebido quando a narradora relata que viajaram dias e noites, passaram por terras e rios. As pontes que passaram pareciam para a criança Duzu muito frágeis e a menina esperava que o trem caísse a qualquer momento. A viagem foi tão longa que sua mãe pensou em desistir, parar no meio do caminho. Mas Seu Querença não queria desistir, tinha a esperança que através da travessia desse longo caminho as coisas pudessem melhorar. Essa longa viagem pode ser interpretada e pensada de maneira análoga à sobrevivência dos negros e seus descendentes, que trilharam longos caminhos de luta e resistência para sobreviver, almejando uma melhor qualidade de vida, respeito e igualdade.

A família de imigrantes já tinha um destino certo onde poderia deixar a filha com a promessa de que trabalharia e estudaria. O pai da jovem menina tinha sido pescador, mas desejava um novo ofício, era preciso aprender a trabalhar em outra

coisa, algo mais rentável, talvez. O pai tinha a esperança de proporcionar à filha mais oportunidades e acreditava que na cidade grande isso seria possível, pois um conhecido seu sabia de uma mulher que arranjava emprego para meninas e a esperança do pai era que a filha poderia trabalhar e estudar, como podemos ler no trecho a seguir: “Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha” (EVARISTO, 2016, p.20). No entanto, logo ficamos sabendo que o emprego destinado à personagem era uma casa de prostituição.

## **2.2. Trabalho infantil e exploração sexual: a violação na infância**

Ao tomarmos como referência o cotidiano de crianças nascidas escravizadas, como citamos no capítulo anterior, percebemos que elas eram levadas a partir dos cinco anos de idade juntamente com os pais para aprenderem o “ofício” do trabalho escravo. As meninas iam com as mães para a casa grande aprender e ajudar nas tarefas domésticas de lavar, passar, cozinhar. Já os meninos iam para a lavoura para a labuta no campo com os pais. Com o passar do tempo estas atribuições permaneceram tanto para meninos quanto para meninas. É o que vamos observar a princípio no conto em estudo, quando a personagem Duzu ainda criança é obrigada a trabalhar primeiro como doméstica e em seguida na prostituição. Acerca do trabalho doméstico de meninas negras, Carneiro vai nos dizer o seguinte:

Trabalho doméstico ainda é, desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária para as mulheres negras. Nele, ainda são relativamente poucos os ganhos trabalhistas, e as relações se caracterizam pelo servilismo. Em muitos lugares, as formas de recrutamento são predominantemente neoescravistas, em que as meninas são trazidas do meio rural sob encomenda, sendo submetidas a condições subumanas no espaço doméstico (CARNEIRO, 2020, p. 127).

No transcorrer dos dias e dos acontecimentos, a personagem começa a entender o porquê de não poder mais voltar para casa e nem encontrar os pais, e também por qual motivo o direito de estudar lhe foi negado. A princípio, as tarefas designadas à menina eram da limpeza em geral da casa onde foi deixada pelos pais. Duzu passou muitos anos na casa que é descrita como um ambiente grande e cheio de quartos. Ainda na infância ela trabalhou muito nas atividades domésticas. Além de ajudar na lavagem de roupa, também as passava e limpava os quartos.

Dona Esmeralda alertou para que Duzu nunca entrasse nos quartos sem bater “Batesse forte e esperasse o pode entrar” (EVARISTO, 2016, p. 21). Ela nem sempre obedecia e foi aos poucos descobrindo o que de fato acontecia nos quartos, pois via com frequência mulheres bonitas deitadas com homens diferentes toda vez que entrava sem bater.

Inserida nesse ambiente, Duzu não tinha noção do que ali acontecia e a partir do abandono ou da ação feita com boas intenções pelo pai, ela nunca foi consultada se queria ou não morar e trabalhar na cidade grande, a personagem é silenciada e ingressa na vida adulta sozinha, sem amparo familiar e nenhuma orientação ou opção de tomar outro rumo na vida.

Vítima de abuso sexual ainda na infância, como podemos identificar no seguinte fragmento, “Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar” (Ibidem, p. 21), ela foi abusada sexualmente e não havia ninguém para defendê-la ou tirá-la daquela condição. Dona Esmeralda, a dona do prostíbulo, ao flagrar Duzu na cama com o homem, não defendeu nem interferiu na situação a fim de tirar a criança da condição de abuso, pelo contrário, a mulher vai definir o resto da vida da personagem, não sendo capaz de sozinha sair da vida de prostituta, visto que, sem apoio familiar, a única maneira de sobreviver foi se prostituindo.

Como mencionamos no primeiro capítulo, o adulto conhecedor ou aliciador de violência contra a criança e o adolescente é considerado criminoso, podendo ser preso. E reforçamos esta ideia com o disposto no Artigo 18 do ECA “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (BRASIL, 1990). No cenário da narrativa, a negligência da lei permite que crianças sejam exploradas sexualmente.

A narrativa em estudo pode ser entendida como uma crítica social que denuncia a prática de abuso sexual contra crianças e adolescentes, dentre as denúncias destacamos a omissão de políticas públicas que não punem os criminosos que abusam das crianças e nem combatem tal prática de exploração sexual contra esses sujeitos que passam a integrar os contextos ficcionais de violência e abandono narrados por Evaristo.

Conforme Paim e Ferreira (2017, p. 8) “No caso de Duzu, a dominação masculina restringiu a infância de uma criança, e a violência acabou tornando-se diária na vida dela”. Conseqüentemente, o que vemos é primeiro a dominação do pai, Seu Querença que, apesar de toda esperança e boa vontade em seu coração, não pensou no perigo que estava expondo e submetendo a filha. A partir do primeiro abandono, Duzu será por diversas vezes abandonada e a dominação masculina se fará continuamente presente em sua vida.

O homem que a acaricia e é repreendido pela mulher que estava se prostituindo dará dinheiro a criança, e despertará nela o interesse de ganhar mais dinheiro, por isso, Duzu passa a entrar nos quartos sem bater e acaba encontrando-o sozinho em uma dessas entradas desavisadas. Fica claro que o aliciamento da criança foi calculadamente planejado pela dona do prostíbulo, que sem nenhuma piedade e decência impõe à criança a vida de prostituição.

Em análise, Paim e Ferreira (2017) enfatizam que a personagem foi vítima de pedofilia, estuprada na cena em que é pega pela dona do prostíbulo e em toda a sua vida foi silenciada. A vida e as circunstâncias a empurraram para o abismo e seu corpo foi violentado, uma vez que presenciou em sua trajetória as mazelas sofridas por mulheres, como podemos verificar na seguinte citação:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 2016, p. 21).

A violência contra mulheres na vida da personagem foi algo frequente e, como posto acima, essa condição tornou-se normal e rotineira para Duzu que presenciava as agressões e assassinatos sofridos por suas iguais. Nada era feito para ajudar ou amparar essas mulheres. Neste entender, a morte vai aparecer na narrativa como uma forma de vida, pelo fato de que as personagens não tinham a mínima condição para sobreviver dignamente e a morte, com sua simbologia, torna-se frequente na escrita de Evaristo, como iremos verificar no decorrer de nossas análises.

Evaristo narra a atuação da menina-criança, descobrindo vagarosamente o significado daqueles quartos e das mulheres nuas com homens diferentes toda vez que entrava em um deles sem bater. Nessa descoberta a personagem passa a atuar como prostituta, ganhar dinheiro e fazer fama. “Tal condição lhe força a sair da fase

da inocência e assumir precocemente a prostituição” (SILVA, 2018, p. 63). O homem que um dia lhe deu dinheiro após acariciá-la, desta vez sozinha no quarto, joga a menina na cama.

A exploração da mulher negra como empregada doméstica e objeto sexual são temáticas recorrentes que podemos identificar nos escritos de uma outra escritora: Lélia Gonzalez (2020). Acerca disso, ela declara que esse tipo de exploração ganha proporções ainda maiores do que as entendidas pelo movimento feminista liderado por mulheres brancas de classe média. Além dos baixos salários das domésticas, a recorrente prática de abuso sexual a expõe a uma violência que conseguimos visualizar na escrita de Evaristo.

### **2.3. Filhos e netos: perspectivas para o futuro**

No percurso de sua vida, a personagem Duzu deu à luz nove filhos espalhados pelo mundo, todos, obviamente, de pais desconhecidos e estes filhos também tiveram muitos filhos. Assim como seus pais, Duzu foi obrigada a abandonar suas crianças, privando-se do papel de ser mãe, não por vontade própria, mas por necessidade e falta de condições de cuidar e lhes dar assistência, amparo e afeto, o que, possivelmente, fez com que tivessem um destino tão trágico quanto o da mãe, como podemos verificar a partir da vida dos seus netos, que cresceram no ambiente da favela.

Após a exposição sobre a vida da personagem com foco na sua infância, percebemos que a narrativa dá um salto no tempo e chega à vida adulta da protagonista, possível velhice. Neste momento é narrado que ao longo de sua vida enquanto se prostituía Duzu teve muitos filhos, vejamos: “Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois” (EVARISTO, 2016, p. 22). Notamos que a narradora enfatiza que os filhos da protagonista estavam espalhados pelas zonas de prostituição, neste sentido, uma gradação da violência para com os filhos de Duzu, certamente, ao nascerem no ambiente de aliciamento contra menores, as crianças precocemente se firmavam neste cenário de exploração.

Abdias do Nascimento explica as principais causas da desigualdade no que se refere um emprego, moradia e escolarização para as pessoas negras que moram em condições precárias de sobrevivência.

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancado as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive (NASCIMENTO, 2016, p. 75).

O referido contexto pensado a partir do enredo do conto nos leva a interpretar que os filhos de Duzu espalhados pelos morros indicam a pobreza e desassistência estatal e familiar, visto que, já que a mãe não tinha condições mínimas para cuidar e amparar os pequenos, estes também foram entregues à própria sorte. A presença paterna nunca é citada na narrativa, sem dúvida Duzu não encontrou um companheiro para ser seu marido, os homens com quem ela cruzou foram os que se serviam do seu corpo enquanto objeto sexual, e as sementes da vida que germinavam em seu útero nasciam para integrar uma sociedade de sofrimento e desigualdade. Tal situação inflige muitas mulheres que são submetidas à prostituição. Apesar dos métodos contraceptivos, e até mesmo o aborto, geralmente são geradas novas crianças que sem culpa e sem amparo formarão as gerações seguintes dando continuidade ao ciclo repetitivo.

Quanto aos filhos espalhados pela cidade, poderiam ser os que pedem nos sinais de trânsito, os flanelinhas e engraxates, por exemplo. Ou, as crianças que moram embaixo de viadutos ou pontes, e vivem em condições desumanas. Neste caso, podemos citar o exemplo de outro conto da escritora em estudo, referimo-nos a *Di Lixão*, adolescente órfão que mora pelas ruas e sua mãe também foi uma prostituta, ele foi fruto desse trabalho que ela levava para sobreviver. Di Lixão poderia ser filho de Duzu e de tantas outras mulheres que vivem nas zonas de prostituição. A retratação da vida curta deste personagem pode ser percebida como uma realidade que aflige muitos jovens advindos de camadas marginalizadas.

Por fim, nossa interpretação é pensada a partir do contexto em que a personagem vive e viveu por toda sua vida no conto. Notadamente ela nunca possuiu uma moradia fixa e os filhos gerados por ela não tinham a mínima condição de desviar o seu destino das mazelas enfrentadas por crianças e adolescentes em condição de violência e abandono.

Partimos para pensar na terceira geração da protagonista, são três personagens que não aparecem com tanta evidência no conto, mas podem ser analisadas a partir de temáticas relevantes na contemporaneidade. O primeiro neto que vai aparecer como um dos amores de Duzu é Angélico, que não gostava de ser homem, mas queria ser guarda penitenciário para libertar o pai. Nesta parte nós observamos a inferência à homossexualidade da criança, que se descobria enquanto sujeito que não gostava de ser homem e inocentemente desejava ser um dos guardas da penitenciária para libertar o pai (filho de Duzu). A capacidade de fabular, imaginar e sonhar inocentemente cabe, sobretudo, às crianças.

Já o segundo neto é Tático, que morreu aos treze anos, envolvido com a criminalidade do morro, o menino foi pego um dia de surpresa por um grupo rival. As noites que Tático passava pela igreja, onde a avó costumava ficar sempre, pedia a bênção e saía disfarçadamente. Logo a avó percebeu seu envolvimento com o crime, sabia que o menino já possuía uma arma de fogo e também já havia matado alguém, pois, conforme a narradora enfatiza “Ela sabia porém que ele possuía uma arma e que a cor vermelho-sangue já se derramava em sua vida” (Ibidem, p. 22). A morte recente e antecipada de Tático ocasionou na protagonista uma forte dor e tristeza.

As dores e cicatrizes da vida de Duzu lhe machucavam muito. Após a morte de Tático, ela passou a se apegar ao delírio para tentar driblar as dores que a vida havia lhe imposto. Deitada nas escadarias da igreja, Duzu sonhava com um belo vestido, com um voo pela cidade, pelo morro, sonhava com o reencontro com os seus antepassados, avós, pais, e tantos outros que já haviam partido. A morte foi o desfecho da personagem, “Do abandono à decadência, eis o fim de uma criança sem pais, sem voz, sem oportunidades, sem lugar e sem identidade” (PAIM; FERREIRA, 2017, p. 12).

O faz de conta e o jogo da imaginação, conforme vamos verificar que a narradora atribuiu ao fim da vida da personagem, nos levam a interpretação de que a infância enquanto fase inicial de doçura e inocência é um momento muito passageiro na vida de Duzu, e já na velhice ela se permite viver um faz de conta, sonhar com tudo aquilo que lhe foi negado, fabular um voo pela cidade, já que suas pernas não tinham mais força para andar, ela imaginou ter asas para voar. “Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor” (EVARISTO, 2016, p. 22).

Neste momento de delírio a personagem se afasta cada vez mais do real, a realidade de sua vida foi constantemente dolorida, já com a idade avançada ela não via perspectiva de melhoras, não foi amparada enquanto criança e não seria amparada na velhice, perambulava pelo morro, pela cidade, e pela igreja onde costumava ficar, e não era visualizada pela sociedade, este fato nós percebemos ainda no início do conto, pois ao se alimentar nas escadarias da igreja passavam muitas pessoas e todas a ignoravam. Implica dizer que a personagem se sentia invisível diante da sociedade e, por isso, se propôs a não viver aquela realidade que tanto lhe fazia sofrer. O morrer foi a travessia de Duzu para uma nova forma de existir, se viu próxima dos que já se foram e dos mais próximos, a ancestralidade do seu povo vem ao encontro da personagem.

Quando a neta Querença sabe da morte da avó, desce o morro ao seu encontro e sente a presença dos seus antepassados, recordando das histórias contadas por ela. A neta leva no coração o desejo de mudar de vida, e este desejo se cumpriria a partir da educação, como podemos verificar na seguinte citação:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias (EVARISTO, 2016, p 23).

Na neta Querença se faz representar a esperança de um futuro melhor. A adolescente moradora da favela ainda não sabia como faria para realizar os desejos que foram herdados do avô Querença e se mantinham vivos em seu coração, como podemos verificar: “a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (Ibidem, p. 22). Apesar da pouca idade, a menina ensinava o que sabia às crianças menores da favela e participava ativamente do que lhe era ofertado enquanto meio de aprender e fazer uma leitura de mundo crítica e reflexiva.

A educação, a leitura e a escrita representam para as pessoas pobres e marginalizadas uma maneira importante de se sobressair diante das adversidades. O desafio que enfrenta a menina Querença, acerca da ideia equivocada implantada na mentalidade social de que as crianças e adolescentes negras de origem humilde são mais atrasadas, demoram a entender os conteúdos e são dispersas, representa

um dos muitos obstáculos que a personagem irá enfrentar. A concepção de que o insucesso de crianças e adolescentes no ambiente escolar segue um contexto marcado por muita exclusão e desafios de diversas vertentes, seja pela falta de material e assistência, ou pela falta de incentivo, ou até mesmo pela necessidade de se começar muito cedo a trabalhar informalmente em desacordo com a lei, ou quando não ingressam no mundo do crime, este desfecho infelizmente tende a ser o mais previsível para essa parcela da sociedade. No entanto, a personagem Querença vai na direção contrária a estas ideias e se apresenta enquanto sujeito ativo, com desejo de melhorar a vida dela e dos seus.

A precariedade a que foi submetida a personagem Duzu acabou tornando-se natural para ela que não teve oportunidade de ser respeitada, amada e ouvida. Historicamente a mulher foi estigmatizada e vista única e exclusivamente como objeto sexual do homem, a ela não era designado nenhum direito ou respeito. A partir do primeiro abandono, Duzu terá uma vida desumana, moradora de rua, à personagem falta o básico para sobreviver.

A herança da época escravista marca drasticamente a vida das crianças negras, que ao nasceram eram educadas para a vida do trabalho servil, estando fora dos bancos escolares. A taxa de analfabetismo no Brasil é indiscutivelmente alta, tomando como base estudos de Sueli Carneiro, nós vamos perceber que o percentual da escolarização das mulheres negras era ainda mais baixo que o dos homens. Portanto, as meninas negras eram educadas para a vida doméstica e “para a prostituição”, sendo a escolarização um privilégio das pessoas brancas e de classe. Contudo, destacamos as ações do Movimento negro e do Movimento feminista negro que reivindicam o direito à escolarização.

Como podemos notar, a violência que mais predomina neste conto é a sexual, mas não podemos deixar de citar outras, como a psicológica, sofrida por causa do abandono dos pais e da opressão sofrida pela dona do prostíbulo que não ampara a jovem menina quando é abusada por um pedófilo, fazendo com que o leitor interprete a convivência da personagem àquela situação que ela estava inserida. Ou seja, se não for realizada uma leitura crítica, o leitor pode interpretar que Duzu quis e gostou de iniciar a vida sexual enquanto era tão jovem. Destarte, ela foi induzida a tal condição.

Evaristo deixa muito claro sua posição e sua atuação na luta por igualdade. Visto que, as situações de abuso e abandono apresentadas em seus contos

reforçam a necessidade de se discutir sobre a questão da marginalização das pessoas reais, representadas pelas personagens inseridas em sua obra. Para tanto, faz-se necessário perceber que nos dias atuais as mulheres ainda enfrentam barreiras e são vítimas de violência física e psicológica, e muitas ainda continuam silenciadas.

Digno de nota é a ênfase feita pela escritora a respeito das poucas oportunidades que as pessoas negras têm em conseguir um emprego ou se estabelecer financeiramente através dos estudos. Como notamos nesta narrativa, o pai de Duzu, na esperança de que a filha pudesse estudar e trabalhar, migra para a cidade grande, deixando a filha ainda criança aos cuidados de uma desconhecida. A personagem não teve oportunidades na vida, o abandono e a violência simbólica sofrida desde o início de sua trajetória a relegaram a uma vida indigna, sem nenhuma perspectiva de melhora. Impossibilitada de retornar para o abrigo e proteção dos pais, foi obrigada por Dona Esmeralda a trabalhar muito como prostituta e repassar tudo que ganhava para a dona do prostíbulo em troca de um teto e comida. Esta dura realidade descrita neste conto, sem dúvida, é inspirada na vida de muitas jovens mulheres que passam por situações semelhantes.

As ofertas de emprego no mercado de trabalho continuaram restringindo a participação da mulher negra, e esta via-se obrigada a trabalhar como mucama, ama-de-leite, dama de companhia, ou então prostituindo-se, aproveitando-se de sua disseminada fama de “boa de cama” (CARNEIRO, 2020, p. 156).

No caso da personagem Duzu, que ao longo de sua trajetória sofre violência física, psicológica e sexual, é uma mulher negra, pobre e sem escolarização e, assim como seu pai, acredita que é a educação uma maneira de mudar a situação de pessoas como ela, então passa a apostar na neta Querença que mostra um novo discurso acerca da condição da mulher na sociedade atual no contexto do conto.

Reforçamos a ideia de que a escrita de Evaristo, muito realista na maioria das vezes, não deixa de apontar para a esperança, para a construção de novos mundos, novas potências, como podemos visualizar, por exemplo, na neta de Duzu, Querença. Uma força desde a infância que se constitui a partir do desejo e da esperança em uma vida melhor. A menina Querença vai realizar o sonho de muitos dos seus antepassados. O sonho não só de ler e escrever, mas ter o direito de estar em lugares até então negados a eles/as. Visualizar uma perspectiva de futuro

diferente da que sua gente é submetida, ter acesso à cultura, lazer e principalmente ao respeito.

#### **2.4. Os filhos de Maria: A solidão da mulher negra**

O segundo conto que analisamos tem como título *Maria*. Notamos que o nome de Maria, além de nomear a personagem principal, trata-se de uma nomenclatura muito comum entre as mulheres, pois Maria também simboliza a mãe de Jesus, que é símbolo e representatividade da mãe que acolhe, ampara e cuida.

O nome Maria origina-se da forma hebraica *Myriam*, cujos significados são soberana e forte, corresponde à forma latina atribuída à mãe de Jesus, tornou-se popular com a propagação do Cristianismo e é muito empregado para nomear mulheres. O referido nome, utilizado tanto para intitular o conto quanto para nomear a protagonista, denomina pessoa comum indeterminada, representando as diversas mulheres que sofrem algum tipo de violência (DAVID; BALISA, 2017, p. 79).

Posto isso, o conto retrata a história de Maria, uma mulher negra e solitária. A solidão da personagem vai aparecer no decorrer da narrativa com muita ênfase em se tratando de suas relações amorosas. Os homens com quem conviveu a abandonaram com filhos para que ela sozinha cuidasse deles.

A descrição inicial do conto refere-se a uma mulher sozinha em um ponto de ônibus, aguardando o transporte para retornar para casa após um longo dia de trabalho. Ela trabalhava para uma família de alto poder aquisitivo e o barraco onde morava era muito distante da casa da patroa, por este motivo se deslocava para o trabalho de ônibus. Na longa espera pelo transporte público, Maria reclama do preço da passagem e chega a conclusão de que em breve deverá voltar andando para casa, pois apesar da longa distância, a caminhada seria necessária.

A personagem recorda-se do dia de trabalho e planeja cochilar no ônibus enquanto não chega em casa. Maria também se mostra satisfeita pelo dia de esforço, pois, além da gorjeta que havia ganhado da patroa, que serviria para comprar uma lata de toddy e um xarope para os dois filhos menores que estavam doentes; ela também levava uma sacola cheia de frutas e um osso de pernil que havia sobrado da festa da patroa na noite anterior (osso este que iria ser jogado fora).

Lélia Gonzalez (2020), no texto intitulado *Mulher negra: Um relato*, nos apresenta um texto que muito se assemelha à história da personagem Maria, com relação ao emprego doméstico em casa ou botecos, a mulher aparenta ser grata por poder trazer algo para suas crianças comerem.

Seu pensamento se estendia até os filhos pequenos em casa, pois sabia que eles iriam gostar das frutas, e ela se indaga “será que eles vão gostar de melão?”. Fato capaz de sensibilizar o leitor quanto às carências enfrentadas pelas crianças. Elas não tinham uma alimentação regular e nutritiva, as frutas nunca fizeram parte de seu cardápio alimentar. A doença dos filhos menores pode ser explicada, dentre outras justificativas, por uma má alimentação. A tosse e o congestionamento nasal podem ser provenientes de uma alergia a (poeira ou mofo). Contextos que fazem parte de pessoas que moram em barracos improvisados.

O fato de os filhos estarem doentes denota também a impossibilidade de uma mãe solo levar suas crianças ao posto médico para que se passe uma medicação adequada, além da longa fila de espera para ser atendida, e muitas vezes, o atendimento da saúde pública deixar a desejar. Conforme Gonzalez (2020), quando as mães da favela precisam de atendimento médico para os filhos pequenos “tem de acordar mais cedo (três ou quatro horas da manhã) para enfrentar as filas dos postos de assistência médica pública, para tratar de alguma doença de algum filho doente.” (GONZALEZ, 2020, p. 58).

Dando continuidade ao enredo, o que Maria não imaginava era que o seu plano de tirar um cochilo no ônibus seria brutalmente desfeito por uma personagem inusitada que já estava no coletivo. Quando ela sobe no ônibus o homem faz sinal para o cobrador e paga a sua passagem e a dela. Aquele homem era seu grande amor e o pai de seu primeiro filho. Ao ver seu ex-companheiro, Maria lembra-se dos dois juntos no barraco, e dos primeiros enjoos que significava a vida que brotava em seu ventre. A alegria que sentiram no momento do nascimento do primeiro filho foi enorme, era um menino, que haveria de se tornar um homem.

A violência urbana é um fenômeno diariamente noticiado em jornais e revistas, meios de comunicação em geral. Os tipos de violência são os mais variados, sendo em sua maioria assaltos a mão armada, sequestro, estupro, homicídios e feminicídios. No conto *Maria*, Conceição Evaristo vai nos apresentar um enredo que retrata a violência urbana contra a mulher negra. As consequências da violência sofrida por Maria vão refletir diretamente na vida das suas três crianças,

daí nossa escolha por este conto. Com a morte de Maria, nós vamos observar o abandono de crianças que já não eram assistidas pela figura paterna e conseqüentemente perderão a mãe. A violência tirará das três crianças a mulher que cuidava e trabalhava honestamente para dar uma vida humanamente digna aos filhos.

Notamos a princípio que a referente narrativa apresenta a perspectiva da maternidade solo, pois a narradora deixa claro a solidão vivenciada diariamente pela personagem que muito trabalha para alimentar os filhos pequenos, o mais velho tinha apenas onze anos. Desta forma, o núcleo familiar destas personagens é formado por uma mãe e os três filhos.

É possível perceber também que a protagonista não obteve sucesso nos estudos, não há na narrativa referência precisa a esta informação, mas é notável que a escolarização não fizera parte de sua vida. Com a gravidez precoce e o abandono do pai de seu filho, recai sobre ela a responsabilidade de cuidar sozinha da criança. E este fato vai se repetir mais duas vezes na vida dela, sendo três crianças fruto de relacionamentos passageiros e abandonadas pelos respectivos pais. Este cenário fez com que ela tivesse que trabalhar muito como empregada doméstica/diarista, não restando tempo para se dedicar aos estudos. Tudo isso atrelado ao contexto social brasileiro que impõe a mulher negra e periférica os níveis mais baixos de escolarização e os trabalhos menos valorizados.

O preconceito racial no Brasil relega a mulher negra aos níveis mais baixos de tratamento. Conforme Gonzalez “Para as jovens negras, o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e mais sofisticada nos dias atuais: a profissão de mulata” (2020, p. 47). A este respeito, Gonzalez faz referência à comercialização do corpo mulato, fruto da mistura entre a negra e o português branco, resultando na cor mais clara, sendo também a marca da “democracia racial” no Brasil<sup>7</sup>.

De origem humilde, Maria é narrada como uma mulher que sentia saudades da vida com o seu primeiro amor, pois, como nos é narrado, ela vivia feliz no

---

<sup>7</sup>Lélia Gonzalez define a expressão a respeito da comercialização da mulata no Brasil da seguinte maneira: “A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais, mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista “Preta para cozinhar, mulata para fornicar”” (GONZALEZ, 2020, p. 59)

barraco. Percebe-se que apesar da pobreza, Maria não reclama da vida que levava e nem do esforço diário. Quando sente dor na mão ao segurar a sacola pesada, ela logo fica feliz, pois seus filhos irão se alimentar de frutas que nunca comeram. Estes elementos demonstram que não era preciso muito para ser feliz, o alimento diário era para a personagem a coisa mais importante. Maria era uma mãe que se preocupava com os filhos e apesar de se fazer ausente o dia todo por conta do trabalho, eles estavam com ela sempre em pensamento.

Conforme nos é narrado, ao entrar no ônibus, Maria encontra um homem familiar, o pai de seu primeiro filho. No passado, Maria e o filho foram abandonados por ele. A personagem sentia saudades do seu ex-companheiro e imaginou como era difícil a vida sem ele. No conto, a protagonista é representada como uma figura materna, uma mulher negra e solitária que desejava ter alguém para compartilhar a vida, no entanto, os casos que teve com outros homens lhe renderam mais dois filhos e a responsabilidade de cuidar deles sozinha.

Esta solidão da personagem pode ser interpretada como uma imposição histórica de uma sociedade racista e desigual, sendo, como afirmam Torres e Nascimento, a ideia de que a solidão da mulher negra é fruto de uma construção histórica “que a exclui de espaços e possibilidades de afetividades” (TORRES; NASCIMENTO, 2018, p. 35).

Carneiro alerta para a violência psicológica sofrida por estas mulheres que historicamente foram estereotipadas, causando conseqüentemente “graves sequelas na autoestima das mulheres negras trazida por essa imagem desvalorizada presente no imaginário social” (2020, p. 160). No livro *Identidade e força ancestral* (2018), das escritoras Torres e Nascimento, nós identificamos depoimentos de mulheres reais, que vivem semelhante situação as descritas nos contos ficcionais de Evaristo. Com isso queremos demonstrar o quanto a narrativa aqui estudada reflete a realidade de muitas mulheres negras e pobres. A necessidade de trabalhar muito cedo, a ausência da figura paterna, o abandono e solidão e a responsabilidade que recai sobre elas de cuidar dos filhos. Isso pode ser verificado no seguinte depoimento:

Minha mãe era que nem eu, badalada e teve um filho com cada homem porque achava que eles iam ajudar. Como eu também que tenho três filhos de pais diferentes. Eu achava que os caras iam me ajudar, mas quando eles veem a gente com a barriga a primeira coisa é dar o pé no nosso traseiro (TORRES; NASCIMENTO, 2018, p. 20).

Percebemos como este depoimento se assemelha à personagem Maria, pois confirmamos a escrevivência enquanto método de descrever a realidade de pessoas reais que integram o palco da vida. A escritora consegue por meio de sua escrita tornar pública a vida de crianças, adolescentes e mulheres anônimas, que não estão em evidência nem nunca tiveram suas histórias contadas.

Dando prosseguimento ao que nos é narrado no conto, Maria estabelece um rápido e assustado diálogo com seu ex-companheiro. Ela fala que teve mais dois filhos: “E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida” (EVARISTO, 2016, p. 24). Maria havia colocado no mundo três filhos homens, esperava que eles não tivessem o mesmo destino dos pais. O homem também desejava expressamente que as crianças não fossem como ele (assaltante).

No diálogo que se segue, Maria insiste em dizer que é muito difícil ficar sozinha, dar conta dos filhos sozinha, e a solidão para ela não era uma escolha própria, ela sempre era abandonada. Diferentemente da próxima personagem que será analisada, Natalina. Esta escolheu ficar sozinha e essa escolha era o que lhe fazia bem. Natalina também escolheu não cuidar dos seus três primeiros filhos, apenas do quarto que era só dela e de mais ninguém. Ou seja, são duas personagens que dão vida a mulheres totalmente diferentes, mesmo que inseridas em contextos semelhantes.

Mas voltando ao conto *Maria*, o homem que havia sido seu marido no passado agora estava prestes a anunciar um assalto, provocando uma tensão tanto na personagem Maria, quanto no sujeito que cometeria o assalto. A tensão se segue por um medo muito forte que Maria sente, não pelo assaltante, mas por seus filhos, pela vida: “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão” (Ibidem, p. 25). Cabe ressaltar que a preocupação, medo e angústia de Maria por estar vivenciando tal situação culminará numa angústia ao pensar no futuro dos filhos pequenos, em especial o mais velho (filho do homem que estava assaltando os passageiros).

Levando em consideração as precárias condições para a existência da juventude negra brasileira, a personagem passa a se questionar sobre o futuro dos filhos dando ênfase para o fato de ser um menino que estaria mais propenso a sofrer ou ser atuante de violência. O menino quando crescer seria um assaltante assim como o pai? O medo que Maria sentia não era mais por ela, que já estava

acostumada à situação difícil em que vivia, temia pelos filhos, que provavelmente iriam sofrer feito ela. Seus filhos, ainda crianças não teriam assistência alguma.

Nesse momento, o medo se seguiu por não ter absolutamente nada para oferecer aos assaltantes: nunca teve anel ou pulseira, na mão tinha apenas uma cicatriz de uma faca a laser que corta até a vida. Dela não levaram nada, por um momento ela sentiu-se grata por este fato, sabia que se fossem outros assaltantes talvez não tivessem poupado ela. Mas este foi o motivo suficiente para que a acusassem de ser cúmplice dos assaltantes, “Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais” (Ibidem, p. 25). A voz de um dos passageiros assumindo uma atitude racista denunciou Maria que foi chamada de negra safada e insultada de diversas maneiras no transporte público, sofrendo uma violência moral seguida de violência física. O homem que a acusou deferiu a primeira bofetada em seu rosto que logo estava coberto de sangue. Sem poder se defender, a personagem foi julgada e condenada pelos passageiros do ônibus.

Na sequência, um rapaz negro, que estava no ônibus e também não foi assaltado, falou em defesa de Maria, neste momento a personagem olha para o rapaz e lembra-se do filho mais velho, de modo epifânico ela nota a semelhança do menino com o filho e também com seu ex-companheiro (assaltante), ambos negros. A sociedade que os julga, pode julgar e condenar também o seu filho no futuro. O corpo negro é uma formulação racista e criminalizada. Se fosse Maria uma mulher branca, teria sido acusada de ser comparsa dos assaltantes?

A sentença de Maria já havia sido estabelecida, Maria era culpada. O motorista tentou intervir, já era tarde demais, ninguém quis ouvir ou acreditar que Maria fosse inocente. E gritavam contra ela “*Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!*” (Ibidem, p. 25, grifos da autora). Isso seguido de um coro que gritava *lincha!* Nada do que foi dito em defesa de Maria, tanto pelo rapaz negro, quanto pelo motorista que a conhecia, pois todos os dias ela pegava o coletivo, foi suficiente para salvar a vida da personagem e impedir que seus filhos ficassem órfãos.

Tudo aconteceu muito rápido. Sem poder se defender, julgada pela sua cor, pelas vestes, sofreu uma violência física seguida de morte, a mãe só queria chegar em casa e levar as frutas para os filhos, um deles nunca tinha provado melão. O crime sofrido por Maria é uma realidade brasileira que infelizmente atinge muitas

mulheres negras. Conforme a interpretação de Samyn: “O linchamento de Maria alegoriza o genocídio do povo negro pela coletividade racista” (2020, p.31).

A tripla discriminação que enfrenta a mulher negra na sociedade brasileira é percebida a partir de um lugar de opressão, “[...] uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZALEZ, 2020, p. 58). Como percebemos, historicamente a sociedade brasileira foi constituída a partir de costumes e atitudes preconceituosas de cunho racial direcionado, sobretudo, à mulher negra.

## 2.5. Quem cuidará dos filhos de Maria?

No decorrer da narrativa nos deparamos com as constantes preocupações da protagonista mãe de três meninos pequenos. Maria teme pelo futuro dos filhos, moradora da favela, ela tem amor, carinho e cuidado pelos filhos que passam a maior parte do tempo sem a presença e o cuidado de um adulto. Enquanto Maria se ausenta de casa para o trabalho, nos indagamos: quem cuida dessas crianças na ausência materna (na narrativa o pai das crianças não vive com ela nem tem responsabilidade pelos filhos). Será que é o filho mais velho de apenas onze anos que cuida dos menores? Se assim for, sobre esta criança recai uma responsabilidade precoce, sendo na infância o cuidador de crianças menores.

Outra personagem infantil que aparece no livro *Becos da memória* é Beto, que pode ser de certo modo comparado ao filho mais velho de Maria. Beto é filho de Ditinha (empregada doméstica que rouba uma joia da patroa e é presa). Sobre Beto, ainda criança, recai a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores e do avô alcoólatra e paralítico. Acerca da vida dessa criança que substitui a infância pelos deveres de uma vida adulta, a narradora observadora declara que: “Beto cresceu repentina e violentamente. Era impressionante ver um menino que até ontem era moleque, virar adulto, de um dia para o outro, inclusive na própria feição do rosto” (EVARISTO, 2017, p. 126). Ou seja, a necessidade de tornar-se adulto e assumir responsabilidades fez com que o menino tivesse sua infância interrompida.

Sobre o contexto acima, a narradora vai dizer que, apesar de todo o transtorno enfrentado pela família de Ditinha, os vizinhos e amigos mais próximos sempre que podiam ajudavam o menino a cuidar do avô e das crianças menores, a

caridade da comunidade possibilitou que as crianças de certo modo não ficassem totalmente desamparadas até que a mãe fosse libertada da cadeia.

Em ambas as narrativas, as mães são descritas como mulheres que trabalham muito para cuidar dos filhos pequenos sozinhas. No caso de Ditinha, a humilhação que vivenciou diante dos fatos decorrentes de um roubo que lhe tirou o resto de dignidade, somada a busca pela joia em seu barraco com todos os vizinhos presenciando e sem entender o que levou a mulher a cometer tal crime. Referida situação lhe deixou estática, sem poder reagir, ou se defender. Ditinha ficou paralisada, sua apatia diante da situação não deixa de ser uma forma de morte enfrentada pela personagem que não teve nenhuma ação de defesa. Assim como Maria, que foi pisoteada. Mas no caso de Maria ela não havia roubado nada, e por isso, ainda teve a coragem de abrir a boca e dizer que não conhecia assaltante nenhum, conhecia apenas o pai de seu primeiro filho, seu grande amor.

Para Torres e Nascimento (2017) a estrutura capitalista afasta as mães das periferias de seus filhos, pois elas precisam trabalhar/servir a uma pequena burguesia para sobreviver, deixando seus filhos sozinhos ou aos cuidados de outros. A convivência familiar de mães negras é dificultosa. Conforme hooks, “A segregação dos bairros (que era norma na maioria das cidades e áreas rurais) significava que as negras saíam dos bairros pobres para trabalhar em lares privilegiados” (2017, p. 133).

O desfecho e conclusão da narrativa é a morte da protagonista e a incerteza do futuro dos filhos, que por mais ausentes que estivessem ao longo da narrativa, sempre estiveram presentes nos pensamentos da mãe. Acerca disso Samyn compreende que:

Se os filhos se fazem presentes desde o início da narrativa – não fisicamente, mas como figuras em torno das quais circulam os pensamentos da protagonista (quando se preocupa com a gripe que afeta os dois filhos menores; quando pensa em comprar uma lata de Toddy; quando pondera se eles gostarão do melão que sobrara da festa da patroa; quando recorda a gestação do filho mais velho) –, o tenso cenário enseja uma crise. Cabe notar que a preocupação com o futuro dos filhos evoca as precárias condições de existência da juventude negra no Brasil, perpassando um conjunto de questionamentos – desde o fato de Maria ser a única responsável por sua criação até o fato de que a produção da criminalidade incide particularmente sobre jovens negros: a condição paterna renunciaria o futuro do filho? (SAMYN, 2020, p. 27).

O desfecho do conto se estabelece com o rompimento da sacola com as frutas que Maria desejosa e feliz levava para os filhos, com seu corpo dilacerado, ela sente dor e raiva. Pensa mais uma vez nas suas crianças e no abraço e beijo que o assaltante (pai) havia segredado a ela para transmitir ao filho. O menino nunca recebeu o recado do pai.

Com a conclusão do conto, cabe ao leitor imaginar um futuro para os filhos de Maria. Com a morte da mãe e a vida criminosa de um dos pais, como estas crianças irão sobreviver? Elas serão encaminhadas a abrigos? Cuidados por parentes mais próximos? Em nenhum momento a narrativa faz referência a outros parentes de segundo grau (avô e avó, tios, tias). Portanto, se não existirem, certamente as crianças serão encaminhadas a lares que acolhem menores (crianças e adolescentes).

Outra interpretação que cabe-nos fazer é acerca do pai (assaltante). Sua presença na narrativa, mesmo que tensa e angustiante, demonstra que ele nutria afeto e carinho pelo filho e por Maria. Mesmo assim, os tinha abandonado. Deste modo, as alternativas de melhorias para o futuro destas crianças são as mais trágicas possíveis. Visto que, o pai não poderia dar assistência ao filho dada a sua vida de crime, e que poderia ser preso a qualquer momento.

Os três meninos de Maria ficaram órfãos e o conto finaliza com Maria em seus últimos suspiros pensando nos filhos e por qual motivo estavam fazendo tamanha atrocidade com ela. O seu desejo naquele momento era chegar ao seu barraco e transmitir ao filho o recado do pai “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2016, p. 26). A narradora deixa ao leitor a missão de interpretar qual será o futuro dessas crianças. Sendo esse futuro incerto e problemático, sem assistência e amparo. Possivelmente as crianças seriam direcionadas à casa de amparo ao menor abandonado ou teriam o destino semelhante ao de *Di Lixão*, outro personagem que compõe os contos de *Olhos d'água*. Ele ficou órfão, tornou-se morador de rua e morreu na condição de indigente. Sua morte decorreu, dentre outros fatores, por conta de uma infecção urinária não tratada.

A assistência Estatal para com o personagem descrito acima e com os filhos de Maria certamente não seria diferente. Muitas crianças vivem em condições de pobreza e miséria, sem amparo e cuidados básicos. Indo contra o que está previsto na lei, conforme o Art. 4º do ECA,

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Como podemos notar, partindo do disposto na Lei, às crianças de Maria não é assegurada a saúde (estavam doentes e a mãe ia dar um xarope, talvez por conta própria, sem prescrição médica). Os meninos também não se alimentavam de maneira desejável. Fato comprovado pela necessidade de a mãe levar os restos de comida da casa da patroa. Frutas comuns que as crianças nunca haviam provado. E com a morte da mãe será que as crianças iriam ter a oportunidade de provar algum dia o melão?

O melão na narrativa pode ser compreendido também como o lazer, a cultura e a dignidade, direitos básicos negados a estas crianças pelo que nos é narrado no desfecho do conto, estes direitos continuarão sendo negados. Assim como a fruta que não tiveram oportunidade de comer, elas também serão privadas do convívio familiar.

A convivência familiar também foi precocemente negada às crianças, visto que, o não comparecimento paterno e a necessária ausência materna agora serão um fator sem volta. Antes eles tinham uma figura adulta que se preocupava e dava a assistência que estava ao seu alcance para manter os filhos alimentados e minimamente saudáveis. E com a morte dela quem garantirá as condições de sobrevivência?

Estes questionamentos que fazemos permite compreender que a intencionalidade da escritora é, em parte, realmente sensibilizar o leitor quanto aos descasos enfrentados por crianças negras, filhos e filhas de mães desempregadas, sem estudo e sem perspectivas de futuro. Como sobrevivem estas crianças? Qual seria a alternativa viável para que elas não sigam o caminho do pai (assaltante) ou da mãe (prostituta) no caso da personagem Duzu.

E quando o futuro dessas crianças não é brutalmente interrompido a partir da morte precoce, é dilacerada pelas questões identificadas no conto *Maria*. No caso de um outro conto presente na coletânea *Olhos d'água*, citamos a personagem Zaíta, uma criança que foi vítima de bala perdida no contexto de violência urbana. Causa que frequentemente mata crianças e adolescentes no Brasil. E, a literatura com seu

poder de refletir questões também de cunho social, aborda a temática da representação da infância, contribuindo para sensibilização do leitor acerca de contextos vivenciados diariamente por personagens reais e fictícias.

## **CAPÍTULO 3. QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE? ABORTO E MATERNIDADE EM DISCUSSÃO**

Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte. Entre os frágeis perigos do nascer e do morrer (EVARISTO, 2016).

### **3.1. Aborto e maternidade: a escolha de Natalina**

Não poderíamos pensar na infância em separado da maternidade, e com ela surge também a questão do aborto, temática muito delicada em nossa sociedade. O conto que analisamos neste capítulo aborda ambas as temáticas. A maternidade na adolescência surge para a jovem Natalina rodeada de conflitos internos e externos, sendo os primeiros referentes à autonomia da mulher, e o desejo de não ser mãe, implicando uma série de preconceitos e olhares distorcidos sobre esta decisão. Em se tratando dos conflitos externos, destacamos a pobreza, desassistência e preconceito que giram em torno da gravidez na adolescência.

Natalina é um nome que tem sua origem no latim e deriva da palavra Natal (a festa cristã que representa o nascimento de Jesus). A personagem que dá nome ao conto já nos antecipa a temática que enreda ao ser nomeada por uma palavra que significa o nascimento. Natalina nasceu em uma família pobre, onde mais seis crianças também nasceram e outras tiveram a vida interrompida ainda no ventre da mãe por intermédio do aborto. A referida personagem deu à luz a quatro crianças, mas só considerava a última como sendo verdadeiramente sua.

A protagonista do conto em estudo rompe com os padrões sociais que ditam que a mulher para ser feliz tem que casar e ter filhos. A maternidade chega para Natalina tão rápido quanto foi sua infância, a substituição das bonecas e brinquedos pela ativa vida sexual marcam a vida dela, como veremos mais adiante.

Afinal, quantos filhos Natalina teve? O conto em análise tem como título uma interrogação que conduzirá a trama a partir do olhar da narradora onipresente. De início, percebemos a não linearidade da história a ser narrada, pois, a primeira informação que nos é fornecida é que a personagem Natalina está na sua quarta gravidez. Vejamos a citação: “Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou

lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu” (EVARISTO, 2016, p. 27). Notamos que a narradora cria um clima de mistério acerca da maternidade, afinal, por qual motivo apenas o quarto filho era considerado por Natalina seu filho de verdade? Em que condições esta criança foi gerada e conseqüentemente nos indagamos sobre as três primeiras crianças geradas por Natalina.

Conforme Campello, “Natalina rompe o horizonte de expectativa da sociedade no que diz respeito à fantasiosa e idealizada imagem da mãe perfeita” (2016, p. 5), visto que a personagem vai se recusar a ser mãe das três primeiras crianças que teve. Além disso, notabilizamos as formas de violência sofridas pela personagem ao longo de sua trajetória. A primeira em destaque é a violência psicológica que Natalina sofre pela mãe que descobre sua gravidez precoce, pois sobre a personagem será exercida a imposição do aborto tido como prática comum naquele seio familiar e na comunidade em que viviam. Era sabida a prática do aborto praticada pelas vizinhas: “Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber” (EVARISTO, 2016, p. 27).

De acordo com o estudo realizado pelas pesquisadoras Greice Menezes e Estela Aquino (2009) intitulada: “Pesquisa sobre o aborto no Brasil: avanços e desafios para o campo da saúde coletiva”, o perfil das mulheres que recorrem ao aborto é geralmente de jovens, adolescentes, pobres e com baixa escolarização que, ou estudam ou são trabalhadoras domésticas.

Conforme o estudo das autoras supracitadas, a vulnerabilidade social de mulheres, dentro daquele contexto, é um fator preponderante para o alto índice de gestações. Embora haja inúmeros métodos contraceptivos, a falta de diálogo e a falta de informação acerca do uso adequado do anticoncepcional provoca, além da gestação não planejada, a necessidade de recorrer ao aborto, visto que as condições socioeconômicas desses sujeitos são mínimas para sustento dos filhos. “Trata-se de justificativas que remetem também ao filho, tendo a decisão sido tomada em seu benefício, pela impossibilidade de lhe garantir uma vida digna” (MENEZES; AQUINO, 2009, p. 198).

E Badinter complementa que o aborto se dá também por causa de “A miséria e a doença em alguns casos, situações insustentáveis em outros, muitas vezes mães solteiras” (1985, p. 64). Logo, estes e outros fatores podem justificar a necessidade do abandono ou mesmo a do aborto.

Neste horizonte, conforme nos é narrado, a primeira gravidez de Natalina aconteceu enquanto ela ainda era menina, por volta dos treze/quatorze anos. O ato de brincar vai aparecer com um duplo sentido, visto que, na idade da personagem, o que ela deveria fazer era estudar e brincar, ou seja, ser criança, mas a brincadeira toma outro sentido para a jovem menina que prazerosamente já fazia sexo com seu namorado. “Brincava gostoso quase todas as noites com o seu **namoradinho** e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de **pique-esconde** lá dentro de sua barriga” (EVARISTO, 2016, p. 27, grifo nosso). A palavra no diminutivo utilizada pela escritora denota para nós a ideia de infantilidade, tanto de Natalina quanto de Bilico que não tinham consciência dos seus atos e que a tal ‘brincadeira’ resultaria em uma gravidez indesejada.

Assim como a palavra “pique-esconde”, divertimento infantil muito comum no Brasil, neste jogo podem brincar meninos e meninas e, enquanto várias crianças se escondem uma só deve ficar encarregada de contar até determinado número e depois ir procurar as outras. Natalina e seu namoradinho deram outro sentido ao jogo e, conforme Evaristo, “nesse brincar” a vida foi gerada a partir de um ato impensado, como uma brincadeira sem consequências, já que na infância as brincadeiras são livres e na maioria das vezes sem efeitos negativos. Por este ângulo, para as personagens, a sexualidade era tida como uma brincadeira.

Por consequência, uma criança estava sendo gerada e ao se descobrir grávida a menina se desesperou, não poderia ter aquela criança, pois as condições de moradia, alimentação e sobrevivência em geral eram um problema na vida da personagem e de sua família.

Natalina morava com a mãe, o pai e mais seis crianças e, como se vê, é a típica representação da família pobre e periférica. Quando a mãe de Natalina descobriu a gravidez da filha se preocupou muito, pois já era difícil sobreviver e agora chegaria mais uma boca para comer. A solução encontrada foi à ingestão de chás abortivos, que não foram suficientes para interromper a gestação da menina. A citação a seguir demonstra as lamentações da mãe acerca da maternidade imatura da filha.

Como haveria de **criar mais uma criança**? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha? Ia tentar mais um pouco de beberagens, **se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes** (Ibidem, p. 27, grifo nosso).

Como visto, a chegada de mais uma criança era um acontecimento indesejado, inclusive as anteriores, filhas da mãe de Natalina, certamente também foram fruto da falha dos chás abortivos, pois, ao que parece, naquela comunidade não havia um plano de ação para orientação contraceptiva. Por isto, muitas crianças nasciam e tantas outras morriam, e isso era tido como algo normal e corriqueiro.

No Brasil o aborto é assegurado por Lei quando se tem risco de morte para a mãe e no caso de gravidez resultante do estupro. Conforme Moraes (2008) existem os tipos de abortos considerados ilegais, vejamos: “O aborto miserável ou econômico social praticado por motivos de dificuldades financeiras, prole numerosa. O aborto honoris causa é feito para salvaguardar a honra no caso de uma gravidez adulterina ou outros motivos morais” (MORAIS, 2008, p. 50). A nosso ver, a carência financeira e prole numerosa são as consequências da tomada de decisão da mãe de Natalina em submetê-la ao aborto.

De acordo com Badinter (1985), as crianças sempre requereram dos pais certos cuidados que podem ser interpretados como “trabalho” e nem sempre são suprimidos de bom grado, visto que a chegada de uma criança implica numa mudança de rotina e em mais gastos econômicos. Apesar disso, “Existia e ainda existe uma gama de soluções para esse problema, que vai do abandono físico ao abandono moral da criança. Do infanticídio à indiferença. Entre os dois extremos, possibilidades diversas e bastardas, cujos critérios de adoção são essencialmente econômicos” (Ibidem, p. 64).

Mas, voltando ao conto, há na narrativa a presença da personagem Sá Praxedes, como posto em destaque na citação mais acima que fizemos do conto. Recorrer a ela era uma alternativa extrema, a velha parteira que tinha fama de comer crianças naquela comunidade praticava o aborto de mulheres grávidas que não desejavam colocar mais um filho no mundo. E esta seria uma alternativa para que Natalina não desse seguimento à gravidez. Logo que soube das intenções de sua mãe de levá-la aos serviços da parteira, Natalina esperou até que ela saísse para a cozinha da patroa, para em seguida fugir sem destino certo.

A personagem Sá Praxedes provocara temor em Natalina e em todas as crianças da comunidade, conforme podemos visualizar na seguinte citação “A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para crianças que iam chamar à velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam” (EVARISTO, 2016, p. 28). Inclusive, Natalina enquanto cuidava dos irmãos menores ameaçava chamar Sá Praxedes

para amedrontar as crianças e obter a obediência delas. Notamos com essa construção o quanto a infância e a inocência se fazem representadas no conto, visto que, as crianças eram enganadas através da ameaça de que a velha parteira poderia comê-las.

Diante de tal situação, pressionada pela mãe para que os chás abortivos dessem resultado e com a possível ida ao barraco da parteira “comedora de meninos”, Natalina decide fugir de casa enquanto sua mãe se ausentava para o trabalho como empregada doméstica. A fuga da personagem também pode ser associada à ausência familiar, as mães da comunidade/favela precisam se ausentar muito cedo de casa para o trabalho, tendo que deixar os filhos sozinhos sem os cuidados de um adulto e, no caso de Natalina, era ela a responsável por cuidar dos irmãos mais novos.

Gonzalez, ao escrever sobre a condição da mulher negra do morro, revela que existe uma dupla jornada de trabalho em sua vida. Vejamos a seguinte citação:

Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). Após “adiantar” os serviços caseiros, dirige-se a casa da patroa, onde permanece durante todo o dia. E isso sem contar quando tem de acordar mais cedo (três ou quatro horas da “manhã”) para enfrentar as filas dos postos de assistência médica pública, para tratar de algum filho doente; ou então quando tem que ir às “reuniões de pais” nas escolas públicas, a fim de ouvir as queixas das professoras quanto aos problemas “psicológicos” de seus filhos que apresentam um comportamento “desajustado” que os torna “dispersivos” ou incapaz de “bom rendimento escolar” (GONZALEZ, 2020, p. 58).

A referida rotina pode ser visualizada na narrativa em análise e também no conto *Maria*. Referimo-nos ao fato da preocupação maternal em dar assistência aos filhos pequenos e dar conta das tarefas domésticas de sua própria moradia. A dupla jornada pode ser entendida também como consequência da necessidade de trabalhar longe de casa, da exploração do trabalho e vida solitária das personagens que são abandonadas pelos companheiros, não tendo com quem dividir as responsabilidades.

Apesar da pouca idade, Natalina já tinha conhecimento da realidade e dificuldade de cuidar de crianças no morro, havia a falta do básico como boa alimentação, escolarização, lazer e presença paterna e materna. Deste modo, a

infância era rapidamente substituída pelas obrigações da vida adulta. Mesmo com a noção de responsabilidades já conhecidas por Natalina, continuamos notando a inocência da personagem que ao decidir fugir de casa desce o morro e se esconde de todos, pois temia ser vista, “precisava fugir de Sá Praxedes”, a velha parteira simbolizava, além do medo, a inocência de criança que acredita em “bicho papão”.

Na rua, após andar muito e se afastar de casa, Natalina encontra outra menina que também estava esperando um bebê. A menção a outra jovem grávida enfatiza a cruel realidade de meninas que estão se tornando mães muito precocemente sendo a rua uma das poucas alternativas para sobreviver.

Conforme Emanuelle Goes (2019) na América Latina e no Caribe, cerca de 69 a cada mil meninas engravidam na adolescência. O número é alarmante se pensando a partir da média mundial que é de 46 para cada mil meninas. No Brasil, os dados revelam que a gravidez na adolescência esta associada à vulnerabilidade (baixa escolarização/falta de informação, pobreza), sendo o abuso sexual um dos fatores elencados pela pesquisadora. É interessante como podemos visualizar referidos contextos no conto em estudo, pois Natalina, além de engravidar na adolescência, por achar que a prática sexual era uma brincadeira, consequência da falta de informação que podemos visualizar também na vida de sua mãe que teve muitos filhos e muitos abortos, ela também vai ser vítima de abuso sexual ocasionando sua gravidez.

As questões de ordem social interferem profundamente na saúde reprodutiva. Portanto, deve-se compreender a gravidez na adolescência a partir das condições pessoais e sociais em que as adolescentes vivem. Referido fenômeno reprodutivo encadeia desfechos diversos para a vida da jovem menina, como o abandono escolar, dificuldade ou impossibilidade de conseguir um emprego (inserção no mercado de trabalho), conflitos familiares, e infelizmente a interrupção do direito de viver a infância e adolescência de maneira plena (Cf. GOES, 2019).

No caso de Natalina, houve, dentre os problemas gerados pela gravidez na adolescência, o conflito familiar que fez com que a jovem fugisse de casa para longe de sua família (que não a protegeu e nem a apoiou em nenhum momento) e de Sá Praxedes, personagem que representava perigo para a menina.

Quando Natalina deu à luz: “Uma enfermeira quis o menino. A **menina-mãe** saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma **boneca** que não desejasse e cedesse o **brinquedo** para alguém que quisesse” (EVARISTO, 2016, p.

28, grifo nosso). Como podemos perceber, há na narrativa recorrentes características da infância, a palavra menina-mãe simbolizando a junção de dois acontecimentos na vida da personagem, ao se tornar, ainda na meninice, mãe de uma criança que poderia ser sua irmã ou até mesmo, como a escritora expõe, uma boneca. O jogo de palavras parece-nos a explícita relação entre a infância e a maternidade.

A brincadeira de imitação é uma das características da fase infantil, pois as crianças brincam de ser mãe de suas bonecas. Assim, como se fosse mais uma brincadeira infantil, Evaristo narra a entrega do recém-nascido comparando-o a uma boneca que não se quer mais e esta característica nos confirma a inocência e infantilidade da personagem. Talvez ela não quisesse ser adulta, ainda haveria tempo para Natalina ser criança após dar a luz?

Apesar de a trama de início girar em torno da questão do aborto, a escritora conduz para outro caminho, e de certa maneira, ao permitir que a personagem entregue os recém-nascidos a alguém que os queira, nos faz compreender que esses bebês serão bem cuidados e talvez tenham uma vida mais confortável. Por este motivo é interessante mencionar que no caso de Natalina, as crianças são sempre entregues a pessoas boas que as desejam. Diferente de tantas outras situações reais, que quando não são mortas, são jogadas em lixões ou abandonadas nas portas de casas de pessoas desconhecidas. O abandono ou o infanticídio não é um ato simples, estes são geralmente manifestados a partir de um desespero humano (Cf. BADINTER, 1985).

Mais do que fugir com medo, a fuga de Natalina nos parece o desejo da personagem em ser dona de seu corpo e tomar as decisões sobre sua vida. Mesmo vivenciando a primeira gravidez no período que corresponde à adolescência, ela se sente capaz de decidir sobre seu futuro, não se submetendo a outrem (mãe, pai, Sá Praxedes, Bilico). É essa autonomia que ela busca ao longo da narrativa, seja quando decide entregar (e não abortar) o primeiro filho até o momento de se sentir feliz por estar grávida, mesmo que seja de um homem que a violentou.

### **3.2. Ela apenas não quer ser mãe**

A segunda gravidez também foi uma surpresa desagradável para Natalina, apesar de ter adquirido experiência e tornado o uso de chás abortivos uma prática

frequente “uma semente teimosa vingou” (EVARISTO, 2016, p. 28). Desta vez, ela não fugiu, nem tentou impedir a gestação, apenas teve vergonha e tentou esconder de Tonho (o segundo homem citado na narrativa). Ele desconfiou que algo havia mudado nela e então perguntou docemente sobre a barriga que começara a crescer. Ela confirmou sua suspeita, mas pediu perdão por estar grávida. A recusa de Natalina em ser mãe e formar uma família é tida como algo incomum se pensarmos a partir dos moldes tradicionais de nossa sociedade que mostra a maternidade como a idealização da mulher em sua completude. O rapaz (Tonho) ficou tão feliz com a notícia e ao mesmo tempo confuso por não entender a tristeza e insatisfação de Natalina em saber que estava grávida.

Também podemos supor que esta insatisfação se dava pelo contexto em que, desde criança, Natalina esteve inserida, vendo as dificuldades e violências sofridas por pessoas como ela (pobres e negras). Colocar mais uma vida no mundo significaria relegar a criança a uma vida nada confortável e digna. Por fim, resolveu não ficar com o fruto da sua relação, como podemos ler no trecho a seguir: “Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis” (EVARISTO, 2016, p. 29).

Para Tonho foi difícil compreender os motivos de Natalina em não querer o filho, em não querer ser mãe. Assim também é para a nossa sociedade que se constituiu a partir da ideologia e dos interesses da classe dominante que idealiza a maternidade para todas as mulheres. A filósofa Elizabeth Badinter questiona a questão do amor materno que é visto pela sociedade como algo inato, ou seja, toda mulher é capaz de ser boa mãe em qualquer tempo e circunstância? Para Badinter, esse amor não é inato, mas sim um sentimento humano como outro qualquer. Nem todas as mulheres querem ser mães e nem todas as mães amam seus filhos.

Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional. (BADINTER, 1985, p.367)

Os ditames patriarcais estabelecem a função de boa mãe, boa esposa e boa dona de casa à mulher, e a personagem em estudo se recusava a seguir referidos

padrões. Evidenciamos como a construção histórica de nossa sociedade desde os séculos passados contribuiu para a noção de que a maternidade seria algo indispensável à mulher, caso contrário seria visto como transgressão e independente da classe social uma mulher “normal” deve/deveria estar disposta a sonhar com a maternidade (Cf. COSTA, 2020).

É a partir dessa construção social que notamos a influência ideológica imposta sobre a patroa de Natalina que se sente pressionada por não conseguir engravidar e dar sequência a linhagem de seu marido.

### **3.3. Maternidade e violência sexual**

A pressão que é exercida sobre a mulher para ter um filho é, sobretudo, impulsionada pela vontade masculina. Biologicamente a mulher é responsável por gerar um filho, sendo ela a pessoa capaz de realizar o desejo de um homem em ser pai e, caso ela não consiga engravidar, será exercido sobre ela uma pressão tanto social quanto psicológica. Na pesquisa realizada por Trindade e Enumo (2002), intitulada: *Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil*, as estudiosas destacam que é possível identificar casos em que as mulheres ou traem seus maridos a fim de descobrir se o problema da infertilidade é com eles, ou aceitam que eles mantenham relação com outras mulheres para terem um filho e, assim, afirmar sua masculinidade diante da sociedade por meio da paternidade. Na referida pesquisa algumas mulheres entrevistadas apresentam em seu discurso que a paternidade (vontade do homem) é fator preponderante para que elas se sintam pressionadas a dar um filho ao marido.

Mas, voltando ao conto, destacamos uma personagem secundária inserida na narrativa, mesmo que citada rapidamente, que traz à tona a temática da infertilidade feminina, que causava um problema na relação do casal. Trata-se da patroa de Natalina. Aquela é uma mulher rica e vive de muitas festas e viagens, porém, o fato de não poder engravidar a entristecia cada dia mais. Ao que nos parece, o nascimento de um filho naquela família é um fato indispensável para felicidade e manutenção do casamento. Em nenhum momento a adoção foi uma opção pensada para o casal, e principalmente para a mulher que se desesperava cada dia mais por não conseguir engravidar. Percebemos a importância que ela dá à descendência do

marido, pois não se importa que Natalina tenha relações com ele a fim de engravidar.

A maternidade para a mulher branca sempre esteve rodeada de cuidado e atenção<sup>8</sup>, diferentemente da mulher negra que historicamente foi escravizada e sua descendência era gerada a partir de, em alguns casos, violência sexual (estupro), ou a maternidade não desejada, fato que ocorre com a personagem Natalina. A mulher negra sempre teve que trabalhar, e os cuidados antes do parto e no pós-parto eram quase que inexistentes. Para a mulher escravizada, então, a maternidade era uma tortura à parte, visto que não eram poupadas dos trabalhos braçais (Cf. COSTA, 2020).

Apesar de distintos contextos (escravatura/atualidade do conto), não deixamos de notar os reflexos do primeiro na construção social que passam a ser refletidos no conto em estudo. Na terceira gravidez a protagonista recebe repletos cuidados médicos, é paparicada pela patroa, mas estes cuidados não impedem sua repulsa por carregar o bebê que ela nomeia de estorvo ou troço.

Podemos dizer que a vontade e a não vontade de ser mãe da mulher branca (patroa) e da mulher negra (empregada) é justificável, no caso de Natalina, a partir da sua vivência infantil, pois ela viu desde sua vida de criança como a maternidade era concebida na favela onde cresceu. Presenciou várias vezes sua mãe fazer uso dos chás abortivos, ou em último caso recorrer a parteira Sá Praxedes. Inclusive, querer levar a filha à parteira já demonstrava o quanto a mãe de Natalina também tinha repulsa pela maternidade. Em nenhum momento, quando a menina descobre a gravidez, há demonstração de afeto e carinho tanto pela mãe de Natalina (avó da criança) quanto da própria gestante. É tão forte essa insatisfação que elas chamam o feto de “aquele troço/aquela coisa”. Já no caso da patroa rica, o desejo da maternidade seria uma forma de seguir os padrões socialmente estabelecidos que se referem à manutenção da descendência, pois era preciso ter herdeiros. A gravidez, neste sentido, provoca sentimentos paradoxais: Natalina se envergonhava por estar grávida e a patroa por não conseguir engravidar.

O fato de não conseguir engravidar levou a patroa de Natalina a pedir que ela deitasse com seu marido e emprestasse seu útero para gerar um filho para o casal. Mesmo sem entender muito a vontade da patroa, Natalina aceitou sem pedir nada

---

<sup>8</sup> Nos referimos às mulheres brancas de boas condições sociais.

em troca. Para a personagem essa foi sua pior gravidez: “Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga faria feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela” (EVARISTO, 2016, p. 20). Após o nascimento da criança, a empregada não tinha mais serventia para o casal, por isso tomou outro rumo na vida, ela não quis saber da família e ficou grata por eles não terem lhe procurado.

A criança que Natalina gerou, tão indesejada por ela, era esperada e seria amada por um casal. Todas as crianças geradas por Natalina eram amadas, a primeira que foi entregue as “**mãos-coração** da enfermeira que seria a mãe” (EVARISTO, 2016, p. 29 grifo nosso). O termo em destaque é afetuoso e demonstra amor, carinho e cuidado que o bebê iria receber da enfermeira. Já a segunda criança era esperada por Tonho, que tinha no coração o desejo de ser pai. A felicidade da paternidade foi tão grande para ele, que decide voltar para a sua terra natal, certamente para criar o filho ou filha em um ambiente mais seguro e longe da violência urbana. E, por fim, seu terceiro filho era muito desejado pela patroa, como foi possível verificar. Mas diferente da alegria que Tonho teve em ser pai, no caso do patrão de Natalina, este voltou a viajar e o filho ficou como um alento para a mulher, que agora finalmente era mãe.

Na quarta gravidez, Natalina foi vítima de abuso sexual. Mulher adulta e independente, neste período a personagem vivia sozinha e se contentava com esta solidão, as pessoas que de alguma forma no passado lhe impuseram medo ou causaram sobre ela alguma dominação, agora não fariam mais. Ela se sentia livre e independente de tudo que já havia vivido.

No conto em estudo, a temática do estupro seguido de morte também vai romper com o horizonte de expectativa, visto que a vítima mata o seu agressor e consegue dar continuidade à vida com o fruto da violência sofrida. Como escreve Leal: “É por meio da violência direta do assassinato do homem que a estupra que Natalina alcança redenção e forças para seguir” (2017, p.7). A criança que Natalina esperava torna-se um alento e esperança, fator incomum em se tratando da reação das vítimas que sofrem tal tipo de violência. Natalina é uma personagem rebelde que não enxerga na vida de casada ou na maternidade a sua liberdade. Essa liberdade só é vivida a partir do momento que ela se vê livre dos pais, dos namorados e dos patrões.

Em se tratando da violência contra a mulher, Gomes frisa que, “Além do espaço doméstico, a violência contra a mulher é praticada como parte da violência urbana. Muitos desses crimes envolvem estupro e agressão sexual, quando a mulher é vítima de desconhecidos” (2013, p. 7). Como podemos visualizar no conto de Natalina, a personagem é vítima de agressão sexual praticada por desconhecidos. A partir do desfecho da violência sofrida, Natalina consegue sobreviver, se reinventar, diferentemente de muitas realidades que marcam vítimas desse tipo de agressão de uma maneira tão cruel.

Para Campello (2016), Conceição Evaristo constrói a personagem Natalina não como uma vítima, pois em todas as situações a personagem demonstra atitudes concretas de sua vontade própria, seja quando foge de casa para não se submeter à violência da mãe em cometer o aborto, ou quando decide não ser mãe do segundo filho, mesmo que fosse muito amada por Tonho: “Quando, finalmente torna-se, na realidade, uma vítima de estupro, Natalina reverte toda a situação e suas circunstâncias, em libertação” (CAMPELLO, 2016, p. 5).

Ao acariciar a barriga que crescia cada dia mais, Natalina tenta lembrar-se do trajeto que fez no dia em que foi arrancada de sua casa por dois homens, que a violentaram sexualmente. Natalina foi estuprada em um matagal e se recorda do comparsa do homem que lhe violentou, desejando-lhe bom proveito: “O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo” (EVARISTO, 2016, p. 31). Esta cena de terror se segue com o desfecho tomado pela vítima que encontra na escuridão da noite a arma do seu agressor e não pensa duas vezes, atirando naquele que a violenta “O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também” (Ibidem, p. 31). Após vivenciar tamanha atrocidade, a personagem sozinha consegue se reerguer longe daquela localidade e guarda para si o segredo de ter sido vítima de abuso sexual, e mais ainda de ter matado seu algoz.

Desta vez, não mais sozinha, e sem estar em dívida com ninguém, a protagonista ao se lembrar da agressão sofrida meses atrás também se sente feliz por estar grávida de um filho que seria só seu. Ao descobrir a gravidez da semente intrusa do seu agressor, Natalina se sente finalmente feliz, pois teria “Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (Ibidem, p. 31). Todo esse contexto de agressividade parece ter sido libertador para Natalina, não por desejá-lo,

mas por saber se reinventar e seguir em frente, tendo, por fim, um filho que desejava.

A quarta criança que foi gerada no ventre de Natalina era desejada e esperada pela mãe, a felicidade era tamanha, que ela esperava ansiosa para olhar o rosto da criança e não ver ou se lembrar de ninguém. A narradora também relembra que a protagonista se recorda aliviada por estar longe da velha parteira comedora de meninos, pois “Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca” (EVARISTO, 2016, p. 31). O conto finaliza justamente com a espera pelo nascimento do bebê, que foi gerado entre os frágeis limites da vida e da morte. Sobre a primeira, pensamos na fertilidade do ventre da mulher e como a morte surge rápida para ela que toma a atitude de atirar no seu agressor correndo o risco de morrer também.

#### **3.4. A violência na infância da mulher**

Notamos que a figura paterna pouco aparece nas histórias das personagens aqui analisadas. Geralmente a família é composta por uma mãe sozinha como responsável pelo sustento dos três, quatro ou mais filhos, todos de paternidades diferentes. A ausência de um adulto para olhar e cuidar, resultante, dentre outras causas, da necessidade de trabalhos excessivos para sobreviver, culminando na infância sem os ideais cuidados para o amparo e segurança de uma infância feliz. Com isso, as crianças da favela que são protagonizadas nos contos em estudo vivem uma vida solta pelas ruas, pelos becos e conseqüentemente passam desde muito cedo a presenciar e atuar conforme o contexto em que estão inseridas, seja na criminalidade, sexualidade precoce ou trabalho infantil, resultando, muitas vezes, numa vida indigna no sentido de passar por muitas carências.

Tais fatores acarretam uma série de problemas na vida das personagens que, por conta da situação de marginalização, se veem muito cedo inseridas nas complexas relações seja da maternidade na adolescência, na vida do tráfico, abandono e conseqüente insucesso escolar ou na morte antecipada.

Conceição Evaristo encontra na realidade social de sujeitos negros moradores de favelas a tônica dos seus escritos. Desta forma, esses sujeitos, além de presenciar, vivenciam diariamente experiências contextualizadas pela marginalização e criminalidade urbana. A necessária sobrevivência obriga as mães a deixarem as crianças em casa sozinhas para ir trabalhar em casas de famílias

ricas nos bairros afastados da favela. As consequências são devastadoras para estes sujeitos inseridos nessa realidade vulnerável. Sozinhas nos barracos e soltas pelas vielas do morro ou favela, as crianças aprendem precocemente como funciona, dentre outras coisas, a rede do crime da sua comunidade e o envolvimento é quase que inevitável. O abandono escolar ou até mesmo o não acesso à escolarização é uma situação quase que inevitável e o necessário ingresso no trabalho informal é uma consequência.

Podemos dizer que as personagens têm uma infância negligenciada. Nascem em um contexto que não lhes permite viver e aproveitar a fase da vida que culturalmente implica na descoberta do mundo, fantasia, brincadeira, cuidado e carinho por parte dos pais. Ao contrário, trabalham e, muitas vezes, são “educadas” para a vida do crime, não alcançando sustentação para vencer a barreira da marginalização.

Conforme Silva e Rosa (2015), no artigo intitulado: *A infância roubada em contos de Conceição Evaristo*, a temática da violência contra mulheres e crianças não se trata de uma apologia à violência, mas sim do necessário debate acerca das condições em que vivem crianças negras, para que se pense coletivamente em uma atitude para melhor assistir o menor abandonado. Para tanto, a extrema vulnerabilidade com que as personagens são descritas, pela autora, configura-se também como uma crítica social. Afinal, ao retratar as dificuldades cotidianas de sujeitos marginalizados, Evaristo expõe, através de sua escrita, que existem muitas crianças, mulheres e homens vivendo conforme lhes é possibilitado, em meio ao tráfico, balas perdidas, falta de alimentos, dentre tantas outras carências.

Uma clara descrição do abandono e da exploração do trabalho infantil e sexual pode ser verificada no conto *Duzu-Querença*, onde a personagem foi abandonada pelos pais na infância, ainda criança teve que trabalhar como doméstica em um prostíbulo, e substituiu as bonecas e as panelas de brinquedo por uma vida de prostituição. A esta personagem foi negada o direito de infância, já que teve a saída muito precoce dessa fase da vida como demonstramos no capítulo dois. O retorno à infância de Duzu pode ser percebido em sua velhice, pois a personagem começa a fabular sobre sonhos e fantasias que as levam para um espaço mágico em que ela voa pelo morro e se sente linda e brilhante como uma estrela.

Neste mesmo conto a protagonista Duzu na sua velhice tem um neto morto aos treze anos, mais uma criança envolvida com a criminalidade e que, assim como seus familiares, não teve amparo nem apoio para tomar outro rumo na vida. Duzu se desesperou quando soube da morte de um de seus netos Tático, “Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino” (EVARISTO, 2016, p. 22). As características físicas das crianças denotam sua fragilidade, neste caso, Tático, com voz e jeito de criança não foi poupado e foi executado por rivais da favela, tendo o futuro interrompido ainda na fase da adolescência.

Já em um outro conto que não analisamos aqui, *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, a representação da infância pode ser percebida de modo mais explícito. A questão da brincadeira, dos brinquedos espalhados pela casa, a pobreza e os brinquedos quebrados: “Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados” (Ibidem, p. 45).

Mas voltando a *Quantos filhos Natalina teve?* A representatividade da infância dá lugar às relações sexuais com o primeiro namorado e por consequência uma gravidez indesejada. Além dos seis irmãos e irmãs pequenas que Natalina já tinha, sua gravidez configurava o aumento do número de crianças e a necessária assistência. Conforme Conh, em relação à maternidade precoce e a nova concepção que terá a menina que se torna mãe, podemos dizer que o resultado pode ser complexo:

A contracepção e a concepção são controversas: se se evita, se se pode também tirar, se se pode também assumir o projeto da maternidade e da paternidade. Mas esta leva a um novo equilíbrio entre a casa e a rua, e a uma nova negociação sobre a autonomia desta “criança que fez criança”. E se esta autonomia não é respeitada, se a jovem mãe é tratada em casa como criança, o retorno às ruas levando o filho é a solução (CONH, 2013, p. 239).

Vemos que nesse sentido a jovem criança-mãe recebe a responsabilidade de cuidar de uma nova criança, já que esta saiu da sua condição inicial para a fase da vida adulta, e isso implica em dizer que retroceder não faz parte do comportamento das personagens. Neste caso, as crianças filhas de meninas como Natalina serão levadas para as ruas, e neste entender o ciclo se repete.

Notamos nas narrativas estudadas um ciclo repetitivo das crianças inseridas em um ambiente hostil e degradante, sem acesso à educação ou condições mínimas de sobrevivência e ascensão social, as personagens são mortas e

silenciadas diariamente. Para além de uma linguagem dura utilizada por Evaristo, a escritora fabula ao dar vida a suas personagens, criando perspectivas para se pensar um mundo melhor por intermédio da inocência das personas infantis. Para Moraes e Sousa, “em *Conceição* Evaristo lutar pela sobrevivência por vezes apresenta-se como lutar também pela possibilidade de fabular, de brincar ou de sonhar, mesmo que isso cobre um preço muito caro” (2019, p. 107). Como podemos notar, na maioria das vezes, o preço alto a ser cobrado é a vida, tendo na morte a representatividade de um grito, estando a ficção a serviço de reivindicar e protestar por várias coisas, inclusive a voz.

O período que corresponde à infância de Natalina nos é demonstrado a partir das inferências feitas pela autora sobre inocência e brincadeira. Nesse transitar entre a infantilidade e as complexas relações e responsabilidades que requerem a vida adulta, a personagem constrói sua autonomia, dispensa os regalos que a vida a dois poderia proporcionar ou oprimir em se tratando de uniões patriarcais.

A escolha de ficar sozinha pode representar para ela a real liberdade que nunca teve antes. Vemos nesse conto uma representação da mulher negra assim como as fases da maternidade (o abandono e a permanência com o filho). Ao mesmo tempo, vemos a capacidade de criar de Evaristo, à medida que Natalina decide sobre sua própria vida e decide criar sua própria maneira de ser feliz, sem tomar como base os padrões sociais que idealizam a maternidade como algo lindo e sagrado e o casamento como único modo de realização da mulher. Natalina decide ser mãe no momento em que se sente preparada, mesmo que seja uma gravidez concebida sem prazer e sem consentimento. Neste conto há uma quebra de paradigma, visto que há uma mulher que decide ser mãe sozinha, longe de um homem e de qualquer pessoa que tentasse lhe dominar. Natalina quebra várias regras sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção desse trabalho nos dedicamos à análise de três personagens principais que engendram na narrativa de Evaristo experiências conturbadas desde o seu nascimento até a velhice. Pensamos nessas personas enquanto sujeitos sociais, pois enfrentam, além do preconceito racial, a pobreza e a desassistência na fase infantil que acarreta a impossibilidade de melhorias futuras.

A partir do contexto analisado sobre a questão da representação da personagem negra na literatura brasileira e os largos estereótipos a ela direcionados ao longo da história, consideramos que a possibilidade de ampliação e divulgação de uma imagem positiva da personagem negra ganhou mais força e visibilidade a partir da atuação de escritores e escritoras negros e negras que escrevem a partir de sua realidade. Focando na análise da personagem infantil, notamos que a perspectiva autoral tem como alvo também a representação social do cotidiano da infância de crianças negras.

Tomando como hipótese a concepção de que o contexto de violência e pobreza impacta negativamente a vida das personagens, consideramos a personagem Natalina um paradoxo dessa concepção de trágico, pois generalizar que a negativa do contexto impõe um futuro dramático às crianças é afirmar que elas são sujeitos neutros, e isso não é verdade. Confirmamos a atitude e construção de autonomia das crianças que conseguiram chegar à vida adulta. Elas não sofrem caladas, e de alguma maneira reagem. Tal fato pode ser constatado a partir da posição da escritora, enquanto mulher negra e feminista que faz uso da escrita enquanto suporte de debate, exposição e valorização da personagem negra.

No conto *Maria*, a protagonista reage a agressão que sofreu no ônibus, apesar de ser rapidamente silenciada, mas não deixa de ser uma atitude concreta que a autora tenciona frisar sobre a força da mulher e a busca de sua autonomia e respeito. As personagens estão constantemente querendo se fazer ouvir. É interessante que essa construção seja feita objetivando mostrar a personagem negra (infantil ou adulta) como sujeito com voz ativa, mesmo que essa voz seja por vezes calada.

Vimos que a infância da criança negra ainda é uma temática pouco discutida no âmbito acadêmico. Contudo, foi possível notar que a escritora em apreciação aborda em seus enredos a infância das personagens como passagem, na maioria

das vezes, repleta de problemas, mas não deixa de usar uma linguagem terna para descrever a inocência, a brincadeira e a esperança que é depositada na maioria das personas infantis enquanto sujeitos capazes de mudar a sua realidade.

No caso de Duzu, a esperança do pai em que a filha pudesse estudar para ter uma vida melhor não se concretizou, mas é a neta Querença que vai protagonizar uma personagem crítica e engajada na esperança e ação da mudança coletiva para as pessoas que vivem na comunidade. A menina Querença teimosamente se projeta para fora da favela em busca de mais conhecimento e o que aprende compartilha com as crianças da comunidade, filhos e filhas de trabalhadores que não tiveram a chance de estudar e se qualificar para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, exercem cargos considerados de menor importância, os “bicos”, trabalhos informais.

Com relação ao ideal de infância, percebemos que a retratação do descaso Estatal e familiar é muito forte, mas também notamos que esta fase da vida é representada por personagens que tomam atitudes diante dos problemas que enfrentam, como é o caso de Natalina. Ela constrói sua autonomia ainda no início da adolescência, tem voz e vontade própria, fato que comprovamos quando ela decide não ser mãe, mas mesmo assim foge de casa para não se submeter ao aborto.

Diante das singularidades que a infância possibilita em contexto amplo, referente ao que discutimos, sobre o suporte necessário que a família e a sociedade em geral devem proporcionar, verificamos que nas narrativas em estudo com relação aos filhos de Maria e de Duzu, estes cuidados serão negados, resultando em uma degradação da geração seguinte das personagens principais.

É importante pensar que, se a literatura toma como referência a realidade social e reproduz situações reais, a infância que nós identificamos nos contos não se distancia da infância de crianças negras que nascem nas periferias e favelas das grandes cidades. Por tal razão, pensamos que este trabalho pode ser uma contribuição para se pensar nessas crianças, filhos e filhas de mãe solo, órfãos, ou que sofrem exploração sexual, trabalhista, urbana e simbólica. Portanto, essas narrativas também objetivam que os sujeitos representados nelas possam ser ouvidos, percebidos e respondidos a partir de uma perspectiva positiva. Desta forma, fica exposto o quanto a literatura possibilita espaços de representação e anunciação de questões sociais que acabam por diversas razões sendo negligenciadas.

Acreditamos que a voz da autora negra na literatura se configura como um passo muito importante para pensar o negro a partir de seu ponto de vista e por uma vertente positiva. Diferentemente do que era visto nas literaturas de períodos anteriores, em que a personagem negra era descrita de modo estereotipado, como a sociedade a via, sem direito, respeito e perspectiva de tratamento igualitário. Assim como a personagem infantil que pouco aparecia, e quando era narrada a fase infantil, esta era pensada apenas como preparação para a vida adulta, sendo as suas singularidades deixadas de lado. Notamos que apesar dos conflitos criados por Evaristo na fase infantil das suas personagens, a escritora não deixa de citar e fazer referência à brincadeira, inocência e imaginação da criança. Mesmo quando o ato de brincar dá lugar a situações cotidianamente referentes à fase adulta.

Diante do exposto, esperamos que o nosso trabalho possua alguma relevância no sentido de possibilitar uma leitura reflexiva sobre a infância e o significado que a escritora em estudo sugere a essa fase da vida, sobretudo para pensarmos a condição da criança negra tanto no tecido narrativo quanto na realidade social. Ou melhor, o tecido narrativo expande esta realidade social possibilitando a abertura para outros olhares, ajudando a construir, também, novas narrativas sociais.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *O sentimento da infância*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1978. Cap. I: p. 1-16
- BALISA, Fernanda Francisca DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. *Litterata*, Ilhéus, v. 7/1 jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1478> Acesso em: 20 de jun. 2021.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BASTIDE, Roger. *Estereótipos de negros através da Literatura Brasileira*. In: Estudos Afro-brasileiros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm) Acesso em: 19 de jun. de 2021.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de jul. 1990.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 266p.
- CAMPELLO, Eliane. Maternidade e violência em “Quantos filhos natalina teve?”, de Conceição Evaristo. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491524767.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524767.pdf) Acesso em: 21 de jun. 2021.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin (Org.). 3 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 319-325.
- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13 n. 2 p. 221-244, maio./ago. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15478> Acesso em: 19 de jun. 2021.
- COSTA, Joseane dos Santos. Literatura e maternidade em contos de Conceição Evaristo e no romance *As alegrias da maternidade*, de Buchi Emecheta. 2020. 89 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI). - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura brasileira*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Literatura Feminina e Crítica Literária. Comunicação apresentada na ANPOLL- Encontro Nacional, 26 a 29/maio/1987. Rio de Janeiro.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro. n. 23 p. 113-138 jul./dez 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/10953/8012> Acesso em: 25 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. Literatura e afrodescendência. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricasonceituais/ArtigoEduardo3literaturaeafrodescendencia.pdf> Acesso em: 15 de março de 2021.

Eduardo Assis; LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo. Literatura e identidade. *Literafro*, s.d. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr12EduardoeElisangela.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2021.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

\_\_\_\_\_. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

\_\_\_\_\_. Escritoras brasileiras contemporâneas gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*. Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (Orgs.). João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p17-31, 2º semana 2009.

\_\_\_\_\_. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

\_\_\_\_\_. Da representação a auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*. Set. de 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acessado em 12 de jan. 2022.

FIGUEIREDO, Luciana Araújo. *A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa*. Dourados, MS: UFGD, 2010. 130f.

GOES, Emanuelle, Meninas não são mães: Gravidez na adolescência e os entrelaçamentos de raça, gênero e classe. *Cientistas feministas*. 12 de Jun. 2019. Disponível em: <https://cientistasfeministas.wordpress.com/2019/06/12/meninas-nao-sao-maes-gravidez-na-adolescencia-e-os-entrelacamentos-de-raca-genero-e-classe/> Acessado em 11 de jan. 2022.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 01-11, Jul. 2013.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo de identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Flávia Reis, Márcia Lima (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2017.

LEAL, Taci Coutinho. A violência contra a mulher e suas diferentes dimensões: Do ataque à reação. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503066431\\_ARQUIVO\\_ArtigoTaciFG2017.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503066431_ARQUIVO_ArtigoTaciFG2017.pdf) Acesso em: 22 de jan. 2021.

LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. In: *O feminismo como crítico da cultura*. Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LIMA, Sara Regina de Oliveira. BRITO, Maria Aline Porto. Miséria, infância e afrobrasilidade: os reflexos de uma construção nacional assimétrica retratados na literatura de Conceição Evaristo. *Estudos linguísticos e literários*. Nº 70, Jan-Jun. 2021 Salvador: pp. 107-131. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/download/44106/25617> Acessado em: 12 de jan. 2022

MATA, Anderson Luis Nunes da. Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética. 2015. *Literatura e Infância Estud. Lit. Bras. Contemp.* (46) Dez 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018461> Acesso em: 20 de jan. 2021.

MATA, Anderson Luiz Nunes da. *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Dissertação de mestrado Brasília, 2006.

MENEZES, Greice. AQUINO, Estela M. L. Pesquisa sobre o aborto no Brasil: avanços e desafios para o campo da saúde coletiva. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3560/1/02.pdf> Acesso em: 22 de jun. 2021.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução de L. Garcia. São Paulo. Editora Ática. 1989.

MIRANDA, Fernanda R. Conceição Evaristo. In: *Silêncios prescritos; estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORAES, Claudia Letícia Gonçalves. SOUZA, Fernanda Ferreira. Desigualdade social e violência na literatura negra brasileira: Uma análise da infância perdida em contos de Conceição Evaristo. *Kwanissa*, São Luís, n. 3, p. 99-114, jan./jun, 2019.

Disponível em:

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/viewFile/10073/6335> Acesso em: 26 de jan. 2021.

MORAIS, Lorena Ribeiro de. A legislação sobre o aborto e seu impacto na saúde da mulher. *Saúde da mulher*. Senatus, Brasília, v. 6, n. 1, p. 50-58, maio 2008. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131831/legisla%C3%A7%C3%A3o\\_aborto\\_impacto.pdf?sequence=6](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131831/legisla%C3%A7%C3%A3o_aborto_impacto.pdf?sequence=6) Acessado em: 13 de jan. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de. Juventude negra e violência: um extermínio anunciado. In: Todas as cores na educação: Contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2008.

OLIVEIRA, Claudia Maira Silva de. Histórias para incomodar os da casa-grande em seus sonos injustos: Menores em situação de risco em contos de Conceição Evaristo. 2017b.106 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Frederico Westphalen – RS 2017.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de. A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo. 2015c. 113 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/17893> Acessado em: 19 de jun. de 2021.

PAIM, Luciane de Lima. FERREIRA, Patrini Viero. Do abandono à decadência: Duzu-querença e sua vida de abusos, violência e miséria. (*Entre Parênteses*) *Dossiê Literatura e Resistência*, v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/585/pdf> Acesso em: 19 de jun. 2021.

RIBEIRO, Ana Cláudia Dias. APINAGÉ, Maria Deusa Brito de Sousa. Heterogeneidade narrativa em “A gente combinamos de não morrer”, de Conceição Evaristo. *Letras Raras*, v. 9, n. 4, 2020. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1663> Acesso em: 19 de jun. 2021.

SAMYN, Henrique Marques. As mortes de Maria: sobre um conto de Conceição Evaristo. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/31632> Acesso em: 20 de jan. 2021.

SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Conceição Evaristo e Karol Conka a pulsão da palavra. Fólio. *Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2 p. 59-72 jul-dez.

2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654095.pdf> Acesso em: 19 de jun. 2021.

SILVA, Denise Almeida. ROSA, Andrieli Santos de. A infância roubada em contos de Conceição Evaristo. *Rascunhos Culturais Coxim*, Minas Gerais, v. 6 n.11. jan./jun. 2015. Disponível em: [http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2016/04/11ed\\_artigo\\_14.pdf](http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2016/04/11ed_artigo_14.pdf) Acesso em: 27 de jun. 2021.

SILVA, Nivana Ferreira da. A cultura do outro em Histórias de leves enganos e parencas, de Conceição Evaristo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 53, p. 411-427, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/fpxCdBmPzSnnYDfrHLWh6gS/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 de jun. 2021.

STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia da ciência. In: *O feminismo como crítico da cultura*. Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOUZA, Licia Soares de. Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 46, p. 79-103, jul./dez. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/elbc/a/v8Dqw8dtrNSn4jcd4TnDwnj/?lang=pt&format=pdf> Acessado em 02 de nov. 2021.

TRINDADE, Zeidi Araujo Sônia. ENUMO, Regina Fiorim. Triste e Incompleta: Uma Visão Feminina da Mulher Infértil. *Psicologia USP*, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200010>. Acessado em 08 de jan. 2022.

XAVIER, Nara. Rúbia. Gomes. Duarte. Reconstrução Identitária na Literatura Afro-brasileira de Conceição Evaristo. *Decifrar*, 2018, v. 6, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index> Acesso em: 30 de nov. 2020.

YOUTUBE. A gente combinamos de não morrer. 2021, vídeo (1h e 59m) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNz6FCpt8ul> Acesso em: 19 de abr. de 2021.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica Feminista: Uma contribuição para a história da literatura. s.d. Editora *Pucrs*. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf> Acessado em: 30 de abril de 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). A crítica feminista. In: *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2010.